

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Traços Biográficos**

**ESCOLA DE ENFERMAGEM**

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos  
sobre Quotidiano em Saúde**

***Sub Grupo História Oral***

***A História da Escola de Enfermagem Carlos  
Chagas***

**IRMÃ MARIA TERESA NOTARNICOLA**

***Belo Horizonte***

***Minas Gerais***

## SUMÁRIO

### Traços Biográficos

## IRMÃ MARIA TERESA NOTARNICOLA

*Nasceu em São Paulo em 08 de maio de 1920. Antes de completar 17 anos entrou para a Congregação das irmãs de São Vicente de Paulo, acrescentando TERESA ao seu nome de batismo como era de praxe naquele tempo.*

*Sua vivência na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) como docente é de 1960 à 1964.*

*Em 1944, em obediência à determinação da congregação iniciou o curso de enfermagem na Escola Luiza de Marillac, no Rio de Janeiro. Orgulha-se de, apesar de não ter escolhido fazer enfermagem, ter militado durante 33 anos na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), tanto na seção Minas Gerais quanto na ABEn Nacional, tendo recebido diversas homenagens.*

*Enquanto aluna de enfermagem, apesar de freira, foi cúmplice das colegas no cotidiano da vida no internato.*

*Fez pós “graduado” em pedagogia aplicada à supervisão em Paris, França. Assim que retornou foi designada para chefiar o serviço de enfermagem do Hospital das Clínicas de Belo Horizonte que enfrentava problemas administrativos. Permaneceu em Belo Horizonte até 1964, quando sofreu um acidente grave e voltou para o Rio de Janeiro para se recuperar.*

*Durante sua permanência na capital mineira foi também professora de psiquiatria e obstetrícia da EECC e presidente da ABEn-MG, mas considera-se “muito mais ABEn do que EECC”. Enquanto militante desta entidade a nível nacional conviveu com as expoentes da enfermagem e participou das lutas, dificuldades e glórias enfrentadas para desenvolvimento e reconhecimento da categoria. Afastou-se da entidade na década de 80, após a cisão na ABEn a nível nacional.*

*Atualmente, mantém-se dinâmica, ativa na direção de uma casa de idosos na periferia de São Paulo.*

## SUMÁRIO

### FITA 1 LADO A

Referência à origem do nome Teresa; à sua entrada na congregação das irmãs São Vicente de Paulo e no curso de enfermagem na Escola Luiza de Marillac, no Rio de Janeiro; como e por quem foram criadas as primeiras escolas de enfermagem padrão Ana Neri; a participação da Associação Brasileira de Enfermagem(ABEn) no ensino de enfermagem. suas discussões sobre o papel da enfermagem com Clóvis Salgado, então ministro da educação e médico do Hospital das Clínicas(HC) de Belo Horizonte, na década de 60; sua seleção para o curso de enfermagem por determinação da congregação; a teoria e prática; a relação com a Escola Ana Neri; como eram os dormitórios no internato; o cotidiano no internato; as transgressões das alunas e sua cumplicidade com as mesmas; as comidas que tinha que fazer para a Ir. Matilde Nina, diretora da escola; a influência da disciplina “Economia Doméstica” na formação da enfermeira; as solenidades da “Dama da Lâmpada”; a cerimônia das insígnias; a relação das alunas sénior com as do período preliminar; sua ida para Belo Horizonte para chefiar o Hospital das Clínicas (HC); sua relação com a Escola de Enfermagem Carlos Chagas(EECC); a Ir. Emília Clarízia; a construção da EECC e dos hospitais que faziam parte do complexo do HC; o porquê foi administrar o HC; o maior entrosamento, a partir de então, com a EECC; a elaboração do regulamento do hospital em conjunto com docentes da escola; as docentes da época e do trabalho das mesmas; sua participação enquanto professora de psiquiatria e obstetrícia na EECC; o salto que a enfermagem deu com a mudança curricular decorrente da Lei de Diretrizes e Bases de 1961; o equívoco na interpretação desta lei na implementação do novo currículo; as conseqüências na prática da enfermagem; suas divergências com Maria Rosa Souza Pinheiro em relação ao ensino de enfermagem.

## **FITA 1 LADO B**

A capa usada na prática de saúde pública; o uso do uniforme por enfermeiras como “farda”; a prática militarizada da enfermagem de antigamente e mais livre de agora; a exigência de capela para as alunas freiras; a não discriminação religiosa nas escolas; a abertura das escolas para alunos do sexo masculino; a Ditadura de 64; a pós graduação na França; uma sutil referência à sua posição frente aos problemas das alunas da EECC com a Ir. Clarízia; o Concílio Vaticano II que “abriu as portas e as comportas” para as religiosas; a saída das religiosas dos hospitais e a inserção das mesmas no mercado de trabalho; sua aposentadoria como funcionária da ABEn Nacional; seu trabalho na ABEn; Oscar Versiani Caldeira, então diretor da faculdade de medicina; Marina de Andrade e sua doença; a conversão ao catolicismo de enfermeiras expoentes da época; Waleska Paixão e sua saída da EECC; Laís Netto dos Reis como o estadista Getúlio Vargas.

## **FITA 2 LADO A**

A amizade entre Laís e Waleska; a dupla função e aposentadoria das enfermeiras da Ana Neri; a presença do Presidente Getúlio Vargas nas comemorações na Escola Ana Neri; a aprovação da Lei 775/49; o alto tributo paga por Waleska; a morte solitária de Waleska e outras enfermeiras ilustres; a homenagem às ex presidentes da ABEn Nacional e ABEn MG; as brigas internas na ABEn; a dedicação das enfermeiras que atuavam nas ABEns; sua atuação na ABEn MG; o acidente que sofreu em Belo Horizonte em 1964; o retorno às atividades na ABEn Nacional; o congresso de 1984 em Belo Horizonte; os antecedentes desse congresso; os grupos fortes da ABEn; a transferência da liderança da ABEn para o Conselho Federal de Enfermagem (COFEn) após a ruptura; as dificuldades para a criação do COFEn.

## FITA 1 LADO A

VALDA: Irmã Teresa, o nome completo da Sra. e data de nascimento.

IRMÃ TERESA: Meu nome de batismo é Maria Notarnicola.

V.: E a Teresa?

I.T.: Teresa é por causa do nome religioso que antigamente a gente mudava o nome. Mas o meu pegou muito mias, Irmã Teresa do que Irmã Maria Teresa, do que Irmã Maria só.

V.: É verdade. Onde a Sra. nasceu?

I.T.: Eu nasci no dia 08 de maio de 1920. Já fiz 76 anos. Aqui em São Paulo.

V.: Aqui em São Paulo mesmo?

I.T.: Sou paulistana, capital.

V.: Fale um pouquinho pra gente da vida da Sra. antes de entrar na escola de enfermagem. A Sra. fez curso de...

Estelina: Até porque que cursou essa, a enfermagem na época? Fale um pouco desse antes.

I.T.: Olha, eu entrei na congregação muito novinha. Eu completei 17 anos na congregação. Então em 1920, em 1937 eu entrei na congregação. E entrei na escola de enfermagem em 1944. Então eu sou da turma de agosto - porque antigamente eram duas turmas, uma no começo e outra no fim, no meio do ano - eu sou de agosto de 44.

V.: Qual escola que a Sra. ...

I.T.: Eu sou da Marillac, da PUC, na época era Universidade Católica do Rio de Janeiro. Escola de Enfermagem Luiza de Marillac. A escola é, (gagueja) feita a partir da faculdade de medicina. Se não tivessem cinco escolas não podia entrar faculdade de medicina. A PUC incorporou a nossa escola, que tinha sido fundada pela Irmã Matilde Nina, em 1939. Eu sou da turma de 44.

V.: Ela é padrão à Ana Neri também?

I.T.: Também. Irmã Matilde, foi um grupo de enfermeiras que se formou e que foi complementar as escolas, depois da Escola Ana Neri. D. Laís [Neto dos Reis] fundou a Escola Carlos Chaga. Foi pra São Paulo, deixou D. Waleska [Paixão]. A Irmã Nina, que se formou na mesma turma que D. Waleska, foi para o Rio de Janeiro fundar a

Escola de Enfermagem Luiza de Marillac; Irmã Matilde Nina[Edmar Airlie Nina] Formou-se em 03/09/36, na primeira turma da Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Waleska Paixão formou-se na mesma escola em 21/11/38]. E a Madre Domineuc fundou a Escola da Universidade Católica. Então foram as três escolas que começaram (...), a Carlos Chagas foi a segunda, mas deu margem para a Escola Luiza de Marillac e da Universidade Católica serem equiparadas, as três, no mesmo dia, pelo mesmo decreto. Depois dessa parte, então, cada uma passou a ser autônoma dentro do seu trabalho, quando em 1949, cinco anos depois, foi em 49, não é?, a Lei 775,[que dispõe sobre o ensino de enfermagem], então cada escola podia fazer seu programa, podia fazer... Aí a ABEn [Associação Brasileira de Enfermagem] entra. É aí que a ABEn entra, criando normas para que as escolas ensinassem todas no mesmo nível.

V.: Fazendo o currículo?

I.T.: Fazendo o currículo e pertencendo a uma comissão de educação no Ministério da Educação. Isso começou, quando Dr. Clóvis Salgado era ministro da educação. E era também professor do Hospital das Clínicas da Universidade de Minas Gerais. Eu trabalhei com ele, discuti muito com ele, briguei muito com ele. [riso] porque ele achava que enfermeira era só tirar comadre e por comadre. E eu então , um dia, disse pra ele assim: “Engraçado, né?, as enfermeiras tiram comadre e põem comadre. E o Sr. de manhã passa , olha pra seu doente, vai embora, e no dia seguinte vem ver o que a enfermeira escreveu, para o Sr. dar o seu diagnóstico e quando for a ocasião, dá o atestado de óbito, isso nós não fazemos. O Sr. faz o atestado de óbito em função da gente.” Tanto o médico como o farmacêutico fazem o trabalho deles às custas da nossa experiência. Porque quem fica com os doentes somos nós. Vamos observar se aquele medicamento que o farmacêutico fez, [telefone tocando], é realmente de grande valor para aquela pessoa e o médico que receitou, também receita às cegas porque ele também é cobaia da farmácia. Ficou danado comigo, mas... [Riso]. Vamos para frente.

ESTELINA.: Me diz uma coisa Irmã, voltamos um pouquinho ainda, é, quando a Sra. entrou para a congregação, e posteriormente, qual, o que motivou a Sra. a fazer enfermagem. Tem alguma coisa a ver com a congregação ou um desejo da Sra.?

I.T.: Não, não, foi a congregação. Eu nunca tinha entrado num hospital na minha vida. Mas, naquele tempo, a gente obedecia. Ninguém perguntava pra você se quer ou você

não quer. Então, fazia-se um vestibular para entrar na escola, porque ainda não era exigido o curso secundário completo [telefone tocando]. No meu tempo era só o ginásio e no meu tempo ainda não tinha o ginásio, então era o complementar. Nas escolas você fazia ou normal ou o complementar. Aí então a gente fazia um vestibular na escola. Eu não estudei porque eu não queria passar, mas infelizmente eu passei...

E.: Por que a Sra. não queria passar?

I.T.: Porque eu entrei muito jovem, e me colocaram logo para cuidar de bebê recém-nascido, então me apeguei demais às crianças e (...) agora depois que eu entrei, me dei à enfermagem de corpo e alma. Eu acho que sou a única religiosa que militou 33 anos dentro de uma associação. Onde eu só não fui presidente, da ABEn Nacional, mas fui da ABEn Seção Minas Gerais.

V.: Com relação ao tempo que a Sra. estudou então era esse currículo...

I.T.: ...de 4 anos, praticamente, porque a gente fazia o ano letivo completo. Eram 12 meses, eram 36 meses de curso.

V.: O que era a teoria e a prática nesse período?

I.T.: A teoria, nós tínhamos enfermeiras que davam a parte de enfermagem propriamente dita, o médico que dava toda parte clínica, e hospital, nós éramos supervisionadas por enfermeiras. As enfermeiras se formaram e foram compondo o corpo [docente] da escola. Então as primeiras, as mais antigas, tanto que a Escolas de Enfermagem Luiza de Marillac, como era só a Irmã Nina que tinha sido formada, ela se valeu da Escola Ana Neri. Então, nós fazíamos muito estágio junto. Então a gente fazia saúde pública junta, agora, é Clínica Médica e Clínica Cirúrgica e S.O [sala de operação], essas coisas todinhas a gente fazia na Santa Casa. As partes especializadas nós, a Escola Luiza de Marillac tinha convênio com o Hospital Central da Marinha para Oftalmologia, tinha um outro hospital que era, Oftalmologia e Otorrinolaringologia. A parte de Pediatria gente fazia num hospital de Pediatria, no Rio de Janeiro, e a parte de Doenças Transmissíveis a gente fazia junto com a Escola Ana Neri. A saúde pública a gente fazia junto com a Escola Ana Neri porque eram as enfermeiras da Escola Ana Neri que supervisionavam a gente.

E.: No tempo que a Sra. fez a graduação, é, tinha internato na escola?

I.T.: Tinha. Todas as escolas tinham.

E.: Mas, a escola da Sra. tinha internato?

I.T.: Tinha, tinha internato e a nossa escola foi fundada mais para as religiosas. Porque a nossa, primeira, a segunda turma, enquanto a Irmã Matilde terminava o curso dela na Escola Carlos Chagas, a nossa provincial que era enfermeira francesa, ela colocou dez irmãs para estudarem na Escola Ana Neri. Entre elas a irmã...

E.: E esse internato era, era para leigas...

I.T.: ...para leigas e para religiosas.

E.: E era separada?

I.T.: ...separado. O dormitório das leigas era aqui e o dormitório das religiosas era ali.

E.: E como é que funcionava esse dormitório dentro da escola?

I.T.: Cada aluna tinha, no nosso tempo, era tipo box, sabe?. Cada aluna tinha sua cama ali, seu armário, sua cortina para fechar o seu box, e dormir tranqüila no seu box. E as religiosas...

V.:...as leigas também?

I.T.: Sim, as leigas também. Me lembro que o delas a gente enfeitava assim, com laço, de fita na cama (inaudível) [riso], que a gente só faz para bebê, mas naquele tempo era chique fazer isso. Tinha aquela cortininha branca, igual nos colégios internos, nos colégios internos era assim. Os que eu conhecia eram assim: tinha aquelas divisões, a cama da aluna e a cortina. O primeiro não. No comecinho eram aqueles dormitórios grandes, abertos, olhando uma para a cara da outra. Mas depois, na escola de enfermagem não foi assim. Na Escola Ana Neri também não.

E.: Como era esse dia a dia desse internato em termos de horário, de comportamento?

I.T.: ... a gente... As turmas eram divididas com estágio de manhã e estágio à tarde. Então, de manhã, noventa por cento das alunas iam para o hospital. Na parte da tarde era, a parte toda teórica, dividida por matéria, né?, por período. Começava aquela matéria, acabava aquela matéria, enquanto estava dando a teoria, estava dando a prática. A enfermeira dava a parte técnica, que era por sinal, uma enfermeira da Escola Carlos Chagas. Dona Elda [Nina Gutierrez Soares, formada em 1940], porque a Irmã Matilde e a irmã dela se formaram na Carlos Chagas. Então, quando a Irmã Matilde veio, Dona Elda era professora de técnica de enfermagem, da Carlos Chagas. Agora



Dona Rosa era da Escola Ana Neri. E também funcionária da Escola de Enfermagem Luiza de Marillac.

V.: Rosa Pinheiro?

I.T.: Não, não. Dona Rosa, ela era carioca, não era de São Paulo não.

E.: Agora no dia a dia, a não ser a questão das aulas, como era esse dia a dia dentro do internato?

I.T.: Ah, tinha sala para estudo, tinha sala de lazer, das meninas. Tinha a sala de técnica. Então, dentro das salas de aula, quando não tinha aula, elas iam para lá, a gente fazia os trabalhos da gente, né? Tinha, tinha que estudar. E cada uma, a escola era bastante grande. Ela tinha quatro salas de aula aqui em cima e em baixo. Agora ela então está bem maior do que era, mas a gente deu assim de mão beijada para os outros! [Risos - atualmente a escola pertence aos beneditinos, segundo entrevista com irmã Catarina Fiuza] [risos] Pouca gente mais quis estudar enfermagem, então...!

E.: E quem é que controlava, por exemplo, essas alunas, principalmente as leigas?

I.T.: Tinha a diretora, que ficava ali o dia inteiro. Quem nos acompanhava era Dona Elda e as enfermeiras. Irmã Matilde ficava o dia todinho dentro da escola, e ela tinha uma auxiliar. Uma época eu fui, outra época a Irmã Maria Carmem [Teixeira] foi, Irmã Eugênia, a Raquel foi, cada época era uma, de acordo com o grau de escolaridade. Na escola, uma irmã aluna tomava conta. Então, à noite, a Irmã Nina subia, e cada uma de nós ficava com as meninas, à noite.

E.: E qual era a função de vocês nesse “tomar conta” das alunas?

I.T.: Ah, no meio delas. Elas dançavam com a gente, brincávamos com elas, elas cantavam, a gente cantava com elas. Elas estudavam, a gente estudava com elas. Facilitava quando queriam fugir para namorar.[riso]

E.: E como é esse facilitar?

I.T.: Esse facilitar era esperar que a diretora viesse. Então, uma ficava em cima vendo a hora que ela descia, porque lá em cima, na comunidade uma ficava na porta e gritava: “Ela já vem ”; a outra da porta da rua gritava: “Já vem”, a outra saía correndo, “depressa, entra que ela já vem”. E, as vezes, ela pegava lá em baixo: “O que você está fazendo aqui?” “Vim tomar água”. [Risos] Também tinha a história dos bilhetinhos ,

que ela punha pela janela, namorado passava lá em baixo, a gente escrevia, puxava pelo barbante.

E.: Puxava pela corda?

I.T.: É. Era assim. A gente sempre viveu com muita amizade. É prova que as alunas todas da gente, tem uma convivência muito grande conosco...

E.: E se alguém era pego nesses, nessas escapadas assim, o que era...?

I.T.: Nunca conseguiram.

V.: Nunca conseguiram? [Risos].

E.: É porque eram muito eficientes.[Risos].

I.T.: Nunca, nunca consegui, porque a gente, ela, ela era muito brava. Então, se a gente não amenizasse, o negócio não... Eu me lembro de uma passagem, de uma noite - porque depois, quando a gente foi para o Hospital de Bom Sucesso, porque no começo, aí eu já era irmã há muito tempo, então eu fui trabalhar na escola, porque eu lecionei na Marillac dezesseis anos, e aí, nessa época então, tinha um dormitório para as mais indisciplinadas. Como castigo, elas iam morar com a gente lá no hospital do IAPETEC.[Riso]. Então tinha um som lá em cima, e tinha uma menina levada da breca, a Ediléia. E um dia, eu estava de plantão, quando eu cheguei a Irmã Nina estava no gabinete dela, eu subi e disse: “Que barulho é esse, ela já vem aí agora mesmo”. Mas aí, eu me entreti com ela. Ela trepou na mesa ela cantava, ela tinha uma voz muito bonita, e começou:[cantando, imitando a aluna] “Tira o retrato da velha daí, põe outro no lugar, essa velha, tão danada...”, quando ela estava dizendo “essa velha é tão danada”, a Irmã Nina abre a porta e entra. Sabe, eu fiquei feito uma múmia de sal. [Risos]. (Inaudível). Eu disse: “Ela agora vai me pegar, vai me arrasar e arrasar essas meninas”. Mas a menina teve uma presença de espírito tão grande, passou a mão no caderno, [rindo] que por sinal era de obstetrícia, e eu era professora de obstetrícia, “Irmã Teresa, muito obrigada, os pontos que a Sra. me emprestou”. [Risos]. Eu gelei e disse: “Mas com uma mentirona grossa, desse tamanho, como é que eu vou descer essa escada?” Quando eu vou descendo as escadas, ela disse assim: “Coitadas, elas ficam tão presas aí”. Eu entrei no meu quarto, mas eu ri. Tinha uma irmã que dormia comigo, e disse: “Você está ficando louca?” Eu disse não. Ai eu contei o ocorrido para ela. A

gente tinha muito dessas coisas. A gente apadrinhava demais as meninas. [Riso]. Que mais vocês querem saber?

E.: Do internato é isso que a Sra. se lembra?

I.T.: Ah, eu me lembro de muita coisa! As comidas que eu tinha que fazer. As invenções da Irmã Nina, porque eu toda vida [rindo], gostei de cozinhar. [Risos]. Eu como aluna! Ela me chamava: “Olha - um dia ela inventou - você tem que fazer arroz com cabeça de peixe”. Eu tinha horror. “Mas você vai hoje, fazer arroz com cabeça de peixe”. Meu Deus do Céu, como é que eu vou fazer! Comecei a chorar. Aí peguei o peixe e cozinhei as cabeças do peixe, tirei todo o peixe que tinha no coisa e fiz o arroz com peixe. Ela fazia muito disso. Quando ela cismava com a gente ela ia buscar onde [estivesse], porque nós, durante o dia, como não tínhamos nada, nós tínhamos a comunidade, tinha uma sala de estudos lá em cima para a comunidade, mas ela quando cismava com a presença da gente ela mandava buscar a gente no canto que a gente tivesse, para fazer essas coisas, sabe? Fazer bolinho, fazer bolo para aniversário de menino. Ela pegava a gente sempre assim, na hora, sabe? E cada menina também tinha. A gente aprendia economia doméstica, na escola. E esta palavra ficou bem gravada na minha cabeça por causa de Dona Ariádine, não sei se vocês já ouviram falar. Ela foi enfermeira da Fundação Larragoite, que fundou o hospital dos bancários, que tinha sido chamado para ser o Hospital da Sul América. Então Dona Ariádine, ela dizia: “A enfermeira, antes de ser enfermeira, ela precisa ser doméstica e mãe de família, porque ela não pode gerenciar ninguém se ela não sabe gerenciar a sua casa”. Então isso ficou na cabeça do pessoal e fazia com que as meninas também tomassem parte ativa nesta parte de gerenciamento doméstico da escola. Então, a gente tinha escala, na escala da gente estudava economia doméstica, você podia contar, que era semana, você ia passar na escola, que ia supervisionar a limpeza, que ia supervisionar a cozinha, que ia supervisionar tudo que tinha de doméstico dentro de uma casa. Era, era um estágio que a gente fazia, nesse tempo.

E.: Só as religiosas ou as leigas também?

I.T.: Não, as leigas também! O regime era igualzinho para uma e para outra. Só na hora de passar pito, que às vezes, ela fazia assim: “As leigas saem, as religiosas ficam. Ou vice-versa, dependendo de quem tinha cometido o erro, sabe?”

V.: E essas punições, como eram?

I.T.: As punições? Ela não tinha uma folga extra, ela não tinha, ela não saía, era..., uma punição desse tipo.

V.: E sobre as solenidades?

I.T.: As solenidades eram muito grandes. Todo mundo participava. A igreja e os médicos, e as enfermeiras e as famílias da gente. As formaturas eram uma verdadeira [pompa]. Tinha a dama da lâmpada! Tinha a aluna que mais se destacava! Tinha a recepção da touca! Que isso tudo hoje [batendo uma mão na outra], não existe mais. Mas isso dava para a gente um cunho de responsabilidade, sabe? “Eu quero ser a dama da lâmpada, então eu vou me esforçar”. Porque era um prêmio. Era a melhor aluna que era a dama da lâmpada. E ela passava para a turma seguinte, era sempre para a turma mais antiga, né? Ela passava de uma para a outra.

V.: E quando, qual o período que ela recebia essa...

I.T.: Era no último ano.

V.: No último ano.

I.T.: No último ano. Era sempre do último ano para o último ano seguinte. “Eu vou deixar a escola, eu passo para você.

V.: E a da touca?

I.T.: A da touca, era uma, pra gente, como religiosa não tinha, como na escola usava véu, Carlos Chagas e a Marillac usavam véu, então era a recepção do véu. Quando ela saía da júnior, que ela ia para o hospital, então ela recebia o véu.

V.: É a tal imposição das insígnias, que fala?

I.T.: É isso mesmo.

V.: Tinha uma braçadeira também?

I.T.: Tinha a braceira, tinha o distintivo e tinha a touca.

E.: Esta cerimônia era separada da cerimônia da lâmpada? Eram duas cerimônias separadas?

I.T.: Era. Porque a da lâmpada, a da lâmpada era no dia da formatura, que “Eu estou saindo, você vai me substituir”.

E.: E a das insígnias?

I.T.: A das insígnias era quando ela ia para o hospital.

E.: Ah!, quando ela ia começar o estágio?

I.T.: Começar o estágio. Acabava a série júnior e...

E.: ...era uma introdução?

I.T.: É, introdução. Porque mesmo, nós tínhamos alunas senior, as, mais velha tomando conta das mais novas.

E.: Nos estágios...?

I.T.: Nos estágios e nas recepções, nas cerimônias, tinham as alunas senior e as alunas, as preliminares, como a gente chamava.

E.: Agora, esta entrega de insígnias, porque a da lâmpada na Carlos Chagas não tinha, ou tinha também? A entrega da lâmpada?

I.T.: Não sei.

E.: Ah!, a Sra. não sabe?

I.T.: Eu sei que a Escola Ana Neri tinha e na Escola Carlos Chaga tinha.

E.: E das insígnias, a Sra. ...

I.T.: Era a diretora quem fazia...

E.: Na Carlos Chagas também tinha, a das insígnias?

I.T.: Tinha a mesma coisa porque elas se copiavam. Elas foram equiparadas, as três, a Marillac, a...

E.: Ana Neri?

I.T.: Não. Era a Marillac, a Carlos Chagas, e era a, Escola Paulista de Medicina, que eu fiz pós graduado lá. [Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina].

E.: Talvez agora a gente comesse com a Carlos Chagas para não confundir as duas coisas.

V.: Quando a Sra. foi para a Carlos Chagas?

I.T.: A Carlos Chagas eu fui em 1960. Eu saí do Rio de Janeiro porque estava tendo um problema muito sério no Hospital das Clínicas e a chefia de enfermagem não era exercida por uma enfermeira. As irmãs, cada uma tomava conta do seu lugar.

V.: No Hospital de Clínicas de Belo Horizonte?

I.T.: No Hospital das Clínicas de Belo Horizonte. Então eu fui a primeira enfermeira chefe do Hospital das Clínicas de Belo Horizonte. Aí nós fizemos o regimento interno

com o grupo da Carlos Chagas porque as alunas estudavam lá, os professores da faculdade de medicina eram os chefes das clínicas, e aí, a irmã Rosa [ou Emília] Clarízia já era diretora da escola.

V.: Mas ela não era também do Hospital das Clínicas?

I.T.: Ela morava no Hospital das Clínicas, ela dependia do Hospital das Clínicas, mas ela estava lotada na escola de enfermagem. Foi na gestão da irmã Clarízia que inaugurou a escola nova [em 1962]. Elas moravam numas casas longe do hospital. E aí foi construída a escola nova, ao lado lá, do Pronto Socorro, hoje Pronto Socorro, né?, mas todo aquele terreno era da universidade. Então, a Escola Carlos Chagas ficava entre o Hospital das Clínicas e o Hospital da Cruz Vermelha, [atual Semper, na Alameda Ezequiel Dias] que também tinha sido incorporado ao Hospital das Clínicas, e tinha um outro hospital lá no meio que eu não me lembro o nome dele.

E.: O Borges da Costa?

I.T.: Isto mesmo. E eram clínicas assim, né?, tinha oftalmologia, tinha a doenças transmissíveis, tinha a psiquiatria, tinha... E eram todos, hospitalais...

E.: Separados.

I.T.: É. O Hospital São Vicente era o de pediatria, né? Depois foi Hospital Carlos Chagas. Depois incorporou e ficou hospital geral. As clínicas, não sei se permanecem com os mesmos nomes. Mas foi depois de mim, então que..., eu saí, quando fui acidentada, a irmã Maria José me substituiu, e depois então, o hospital passou por uma transformação. As irmãs deixaram de morar no hospital, foram morar fora, e aí a chefia de enfermagem do Hospital das Clínicas passou para as mãos das leigas

V.: Voltando só um pouquinho, quando a Sra. chegou no Hospital das Clínicas. Como é que era a relação com a escola de enfermagem?

I.T.: Começou a haver um entrosamento muito maior.

V.: Até então, como é que era?

I.T.: Até então, eu não sabia como era porque eu fui a primeira enfermeira chefe do Hospital das Clínicas, eu não sabia como é que as coisas aconteciam. E eu fui pra lá porque..., um auxiliar de enfermagem, metido na política, queria transformar o Hospital das Clínicas em quartel general. E a irmã...

E.: A Sra. lembra o nome dele?

I.T.: A irmã... Como é que ela se chama? Irmã Coimbra. Ela era uma pessoa muito tímida, e ela era professora do Hospital das Clínicas e funcionária efetiva da Faculdade de Medicina. Mas ela não tinha punho para agüentar aquilo. Como superiora da casa, ela era chefe do hospital, mas não com todas essas técnicas modernas que estavam se implantando. Aí, nesta época, eu já pertencia à Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). Então foi por isto que eu pude fazer esta ligação. Eu me entrosei com a escola de enfermagem, muito mais através da Associação Brasileira de Enfermagem. Porque a Associação Brasileira de Enfermagem tinha voz ativa sobre as escolas de enfermagem.

V.: É verdade.

I.T.: Aí então, a irmã Clarízia me pediu para eu lecionar Enfermagem Psiquiátrica, que era o que eu lecionava na [Escola de Enfermagem Luiza de] Marillac. Eu lecionava, cada uma, e nós, tinha duas, três matérias. Eu lecionava Obstetrícia e lecionava Enfermagem Psiquiátrica.

V.: E como é que foi esta relação da Sra. enquanto professora de psiquiatria na escola de enfermagem, com as alunas, com os funcionários.

I.T.: Foi muito bom. Eu tive um entrosamento muito bom., tanto que eu fiz todo, todo o regulamento era feito hospital/escola de enfermagem. Era a [Maria] Vitória [da Silva] e aquela amiga dela, que parece que também já morreu.

E.: A Yole [de Carvalho Mazzoni]?

I.T.: A Iole. Eram as duas. Aparecida também.

E.: Aparecida Freire.

I.T.: Aparecida Freire. Então fomos nós quatro que fizemos..., e a irmã Maria José, nós cinco que fizemos. Duas irmãs e as três leigas. Tinha uma sala que a gente utilizava para fazer este trabalho. A gente se reunia toda semana, então, dentro do nosso regimento interno do hospital, existia a parte escola e a parte pessoal de enfermagem.

V.: Mas funcionava no Hospital das Clínicas?

I.T.: Tudo funcionava no Hospital das Clínicas.

V.: Essa documentação toda ficava no Hospital das Clínicas

I.T.: Não, cada professor levava as suas coisas pra lá. A parte apenas de estágio, porque as professoras acompanhavam as alunas. As irmãs que eram professoras da escola supervisionavam as alunas no serviço dela. No serviço onde a irmã não era

professora, então, uma enfermeira, uma professora da escola acompanhava as alunas. Por exemplo, a Izaltina [Goulart de Azevedo], passou a vida inteira dela em doenças transmissíveis. A Yole, tomava conta, a Yole e a Vitória, que eram enfermeiras obstétricas também, supervisionavam a parte de obstetrícia. A dona Rosa [Lima Moreira] supervisionava a parte de clínica médica. A Aparecida, não me lembro não.

V.: Obstetrícia.

I.T.: Também obstetrícia, porque ela era funcionária do hospital.

E.: A dona Daura [Pacheco Ribeiro] também estava lá?

I.T.: Daura sim, eu me lembro da dona Daura vagamente. Ela ia e vinha, sabe? Não ficava, ficava mais na escola do que no hospital. Quem ficava mesmo dentro do hospital e que era professora da escola era Vitória, a Yole, Aparecida e a Izaltina e a dona Rosa. Essas cinco, todos os dias elas iam ao hospital.

V.: Mas a escola tinha outros campos de estágio, além do Hospital das Clínicas?

I.T.: Eu acho que não, porque elas iam para [o hospital da] Cruz Vermelha.

V.: E a psiquiatria, onde que era?

I.T.: Tinha a clínica psiquiátrica! Dentro do corpo do hospital tinha a clínica pediátrica, que era o Hospital São Vicente, tinha hospital de psiquiatria. Tinha o Hospital Carlos Chagas, o Borges da Costa, o Hospital São Geraldo, o Hospital da Cruz Vermelha. Estava tudo ali, estava tudo ali.

V.: E, a Sra. se lembra de alguma aluna deste período? Algum fato interessante da relação com as alunas?

I.T.: Eu me dei muito bem com todas elas, porque, como eu era presidente da ABEn, elas se formavam e eu carregava elas todas para a ABEn. Então, tem uma porção delas, que agora está me falhando a memória dos nomes, mas, eu estou me lembrando, Efigênia, me lembro bem dela... Tinha uma assim, muito..., Alzira.

E.: Que depois foi professora lá

I.T.: Eu não sei se ela foi professora porque ...

E.: Uma baixinha do nordeste?

I.T.: Não, não, não. Ela era mineira, bem (inaudível). Depois ela foi ser, ela foi ser chefe do serviço de enfermagem daquele hospital, lá longe, de, de, tuberculose. Como é que chama? [Efigênia Maria das Dores; Hospital Júlia Kubitscheck] Porque eu



introduzi, dentro da Associação Brasileira [de Enfermagem], na mesma época que eu era professora da escola, eu era chefe do Hospital das Clínicas, eu era presidente da [ABEn] seção Minas Gerais, eu era tesoureira da ABEn Nacional. E era presidente da comissão de construção da sede [da ABEn Nacional] em Brasília.

E.: A Sra. que tinha vivido a questão do internato lá, [na Escola Luiza de Marillac] enquanto aluna, como que foi a , a vivência da Sra., mesmo não estando é, no internato? Na escola, como é que a Sra. viu o internato nesse período?

I.T.: Olha, eu achava o internato uma coisa muito boa, porque você não se dispersava. Você era enfermagem, da hora que você levantava, até a hora de levantar, no dia seguinte. Então, você vivia enfermagem. E hoje em dia não acontece isso.

E.: E como que funcionava o internato na Escola Carlos Chagas?

I.T.: Eu não fiquei...

E.: A Sra. não...

I.T.: ...porque, quando a escola passou para ali, já acabou o internato.

V.: Em 68.

I.T.: Eu não peguei a parte de internato da Carlos Chagas. Não peguei.

E.: E em relação a, a...

I.T.: ...quem pode lhe falar bem do internato é a irmã Catarina Fiuza, porque foi diretora da escola no tempo do internato fora do Hospital das Clínicas. Por que elas eram diretora da Escola e Superiora do hospital. Elas acumulavam as duas funções, tanto a irmã [Helena Maria] Villac, quanto a irmã Catarina Fiuza, como a irmã Coimbra. Eu não sei se a irmã Coimbra foi ser diretora da escola não.

V.: Clarízia.

I.T.: Rosa Clarízia, foi que substituiu.

V.: Depois, a irmã Carmem.

E.: A Sra. acumulou, o tempo inteiro que a Sra. esteve lá, a função, no Hospital das Clínicas, de professora?

I.T.: É, porque a matéria de psiquiatria era uma vez por ano. Acabava aquela matéria, eu me desvinculava da escola. Eu tomava conta só, eu só tinha contato com elas, no estágio do hospital é que eu me encontrava com as meninas só.

E.: E na administração da escola, a Sra. teve alguma atuação na administração da escola?

I.T.: Não, nada, nada, nada, nada, nada.

E.: Nada. Nem participava de reuniões, de nada? A Sra. só era professora de psiquiatria?

I.T.: Nada. Só psiquiatria. E eu nem dava aula lá. Eu dava no Hospital das Clínicas. Eu tinha mais espaço, tinha mais acesso às coisas no Hospital das Clínicas que na escola.

V.: A Sra. falou antes, sobre a mudança do ensino em 49. Depois teve uma outra mudança em 62. Como é que a Sra. viu essa mudança de currículo?

I.T.: Foi. Olha, a escola deu um salto muito grande, a enfermagem deu um salto muito grande. Do chão foi para o vigésimo quarto andar. E um grupo de enfermeiras, não entendeu isso. Então, foi o que os alunos diziam pra gente assim: desde quando vocês passaram do lado de dentro da mesa. Porque nós éramos professoras mas éramos enfermeiras de cabeceira. Depois de 62, a enfermeira passou só a acompanhar o médico, ficar sentada na mesa, e deixar o trabalho para os auxiliares e os atendentes. Por isto que eles chamaram aquilo como um corte, porque nós passamos a ser funcionárias burocráticas, e não enfermeira de cabeceira. E eu tive vários atritos com dona Maria Rosa. Eu dizia: “Dona Maria Rosa, nós vamos para um hospital. Nós vamos ver quem é mais enfermeira, eu ou a senhora. A senhora tem muita teoria, mas na hora de dar uma injeção no doente a senhora vai sair correndo. Na hora de dar um banho de leito a senhora vai sair correndo. Na hora de fazer um curativo num abdome todo aberto, que não pegou nem um ponto a senhora vai sair correndo, e eu não saí, não senhora”. Por que eu nunca deixei a teoria da prática. Tudo que eu lecionei eu fazia. Eu não ensinava só porque eu tinha pego um livro e porque eu tinha lido. Eu ensinei por vivência, sabe? E o que não aconteceu, e o que não acontece hoje.

V.: Naquela época dona Rosa ficava mais na escola, ela não era da prática?

I.T.: Não, não é da dona Rosa [Moreira de Lima] que eu estou falando. A minha discussão era com dona Maria Rosa Souza Pinheiro.

V.: Ah, sim!

I.T.: Dona Rosa [Moreira de Lima] ainda era do tipo de ficar acompanhando, olha, a enfermeira ali, na cabeceira da cama, ensinando dar um banho. E é o que não acontece agora. É assim? Não sei, estou bem por fora.

E.: Graças a Deus! [Risos].

I.T.: Eu estou fora, graças a Deus. Não estou mais mexendo. Agora mudou, porque eu comecei minha vida cuidando de bebê e estou terminando minha vida com idoso, eu já idosa, né? [Risos]. Eu era bebê, cuidada de bebê; eu passei a ser velha, estou cuidando de velho. [Risos].

V.: Nesse período que a Sra. esteve em Belo Horizonte tinha esta solenidade das insí...

### [FINAL DA FITA 1 LADO A]

### FITA 1 LADO B

I.T.: ...ficava mais enfiada dentro da faculdade.

V.: A Sra. acredita então que estas cerimônias aconteceram só até 49?

I.T.: Acredito. Não, na [Escola de Enfermagem Luiza de] Marillac aconteceu um pouquinho mais, porque nós procurávamos fazer isso com muita, com muita solenidade na Marillac, porque na Marillac eu lecionei dezesseis anos. Enquanto eu lecionei, eu me ocupava bem desta parte, inclusive eu fazia as capas das alunas, porque todo mundo andava de capa, né? Levantava...

E.: E qual o motivo da capa?

I.T.: Ela saiu, andava na rua debaixo do frio, debaixo da chuva, na saúde pública.

E.: Ah, quer dizer que na hora que chegava...

I.T.: ...tirava a capa.

E.: No hospital não.

I.T.: No hospital não. No hospital elas chegavam, tiravam a capa, punham o avental, porque tinha o vestuário, elas iam trocar de roupa. Mas elas saiam como um símbolo da missão delas, como o militar sai com sua farda, né? Ele sai do quartel com a farda dele. Quando chega em casa tira a farda e fica à paisana. Era um regime meio militarizado.

E.: Não só no uniforme mas em outras coisas.

I.T.: Tudo.

E.: Em tudo. Por exemplo?

I.T.: Na hora de levantar, hora de deitar, hora de comer, na hora de fazer, isso é regime militar (inaudível), né? Hoje em dia você não vê isso não. Você trabalha numa repartição: “Oh, vou pro almoço agora.” Não fecha a casa e todo mundo não senta em volta da mesa para comer, todo mundo na mesma hora. Você vai, outro vem, você vai ou vem: “Oi, eu já cheguei, você pode ir”.

E.: É, a Sra. citou aí, a Sra. tinha dito que era um regime militar. E do religioso, além dessa rigidez de horário, o que mais que a Sra. acha que teve influência nesse religioso? De cunho religioso.

I.T.: Aliás, a escola era religiosa, dirigida por religiosa, ninguém obrigou nunca, ninguém, a fazer nada de vida religiosa, porque nós tínhamos protestantes, mas nós facilitávamos para as pessoas que eram cristãs de verdade, não só o nome de católico, nós tínhamos a missa lá, igreja aberta, facultada para todo mundo, e tinha capela na escola. Tanto que, quando as irmãs foram para a Escola Ana Neri, a irmã visitadora impôs: “Elas vão estudar na escola de vocês, se tiver uma capela lá.” Na Escola Ana Neri então, teria uma capela a partir da entrada das irmãs, cujo capelão era Dom Hélder [Câmara].

E.: A Sra. diz que facilitava. A Sra. (gaguejos), vocês facilitavam religioso. Agora, existia uma facilidade nas escolas de enfermagem, seja na Marillac ou seja, por exemplo, na Carlos Chagas, de entrada, por exemplo, de pessoas que tivessem já como culto a religião, por exemplo, católica, ou não tinha...

I.T.: Não, não tinha restrição. Nós tínhamos protestantes no nosso meio. A igreja, na minha comunidade, na minha congregação pelo menos, a gente nunca fez restrição a esse tipo de, de coisa, porque nós trabalhávamos em hospitais leigos. Nós trabalhávamos na Santa Casa, trabalhávamos no hospital do I.A.P.B. [Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários], nós trabalhávamos... Então, não podia ver isso! Você trabalhando numa coisa pública, você não pode fazer distinção. E para nós, o ser humano é Jesus Cristo, seja ele de que nacionalidade, ou de que raça for.

E.: Certo.

I.T.: A gente procurou isso, a vida inteira, dar assistência ao doente. E muitas das nossas alunas ainda fazem questão de continuar isso.

V.: Algum aluno, do sexo masculino, no tempo da escola?

I.T.: Já tinha, já tinha. Tanto na Marillac como na Carlos Chagas [o primeiro aluno da EECC formou-se em 1968 - falecido]. Foi aberto quando houve abertura daquela... (gagueja). Nós abrimos as portas, sabe por quê? Por causa dos práticos de enfermagem e do enfermeiro prático. Porque eles iam para lá e o pessoal ficava sempre discutindo para sair do prático e ser de nível superior. Então as escolas abriram as portas. Quem quis fazer, se preparou para fazer o vestibular e completar as matérias. E quem não quis, continuou toda a vida, atendente ou auxiliar de enfermagem. Os congressos de enfermagem eram uma verdadeira luta. Teve um congresso que precisou de policial.

E.: Por que?

I.T.: Por que, do pessoal do, do sindicato dos trabalhadores de hospitais e casas de saúde, e não sei mais o quê.

E.: Massagens.

I.T.: Massagens e pedicure e manicure, não sei mais o quê, de tudo quanto há.

V.: A Sra. se lembra em que época que foi isso, irmã Teresa?

I.T.: Acho que foi no Congresso [Brasileiro de Enfermagem] da Bahia, o primeiro congresso da Bahia.<sup>1</sup> Foi quando nós passamos a colocar a palavra enfermeiras e enfermeiros

E.: Ah, foi nesse congresso. A Sra. se lembra mais ou menos em que ano?

I.T.: Ora! (...) estou um pouco assim, porque me desliguei, sabe?

E.: Só para a gente tentar localizar, porque é fácil localizar isso posteriormente. A Sra. estava na Carlos Chagas na época? Onde a Sra., porque aí dá para ...

I.T.: Estava na Carlos Chagas. Deve ter sido em 60, por aí a fora, porque depois eu fui acidentada, e eu fui a única que fui de avião.

E.: Ah, a Sra. já tinha sido acidentada.

I.T.: Já, já.

E.: E a Sra. foi acidentada quando? Em 64? (vozes simultâneas).

V.: A Dilka saiu. O que... trouxe essas práticas no...  
...  
...  
...

---

<sup>1</sup> Salvador-Ba, sediou CBen em dezembro/50, julho/64 e agosto/75

I.T.: Em 64. No dia 31, 25 de março de 1964 e a Revolução estourou dia 31 de março. Peguei aquele período bravo...

E.: E a Sra. sentiu, nesse período da Revolução, alguma modificação na Escola Carlos Chagas, alguma, alguma coisa no Hospital das Clínicas?

IT: Não, não porque...

E.: Alguma influência?

I.T.: Não, não teve não, porque depois que eu cheguei abafou, aquele menino saiu de lá. Então não teve influência política nenhuma.

V.: Qual menino? O tal que era...

I.T.: Esse tal pelo qual eu fui para o Hospital das Clínicas. Ele era auxiliar de enfermagem.

E.: Ah! Ele chegou a ser preso?

I.T.: Ah, ele sumiu da face da terra.

E.: Ele desapareceu? Ele era militante político?

I.T.: Militante político. Era comuna de verdade.

V.: Ele sumiu então, na época da época da Revolução, não em função do problema no Hospital das Clínicas?

I.T.: Não, não, ele nem foi demitido nem nada. Quando eu menos esperei o rapaz não frequentava. Eu tive muito pouco contato com ele. Porque eu ainda estava me ambientando, saindo do Rio de Janeiro, vindo para Belo Horizonte, e eu tinha chegado há pouco tempo da Europa. Eu fui fazer pós graduado em Paris e quando eu voltei, eu fiquei uns três meses só, no Hospital das Clínicas, de volta porque foi exigência quando eu fui, de que eu voltasse e justamente aconteceu isso, então a irmã Auxiliadora me pediu para eu ir para Belo Horizonte. Me pediu para eu ir ver se podia fazer alguma coisa. Como eu tinha vindo do exterior, estava com a cabeça cheia de idéias novas, vendo um outro tipo de de exercício, e não o daqui do Brasil, então ela achou que eu podia contornar a situação. Realmente eu contornei numa boa. Depois eu soube que o irmão da Dilza também estava envolvido nisso. Vocês conheceram...

I.T.: Vocês conheceram a Dilza, conhecem a Dilza?

V.: A Dilza sim. O que a Sra. viu de novo na enfermagem na França, né? E que a Sra. trouxe essas práticas novas pra gente.

I.T.: Eu não vi nada, porque a enfermagem de França ainda é muito retrógrada, não é igual a enfermagem americana. Agora, ali a enfermagem é enfermagem. Você pra ser, pra ter outra profissão dentro de um hospital você precisa primeiro fazer dois anos de enfermagem. Se você fez dois anos em enfermagem, aí você vai ser assistente social. Você é chamada “assistan” médico social, porque ela tem base de enfermagem e ela tem a parte especializada. Pra você ser, trabalhar num laboratório você tinha que ter dois anos de enfermagem pra você conhecer tudo que acontece com o paciente, pra depois você cuidar dos exames que você vai fazer em ralação a esse paciente. Pra você trabalhar no raio X, faz dois anos de enfermagem, você vai e cada uma tem um título depois desse. É, “laborandine” é a enfermeira que fez laboratório; a de raio X é “rain moix” e a outra, e assim por diante. A de pediatria é pediatria.

V.: E a Sra. fez curso?

I.T.: Eu fiz é, eu fiz pós graduado supervisora e professora de escola de enfermagem; de pedagogia aplicada à supervisão. Então, eu vinha com esse gabarito todo de supervisão. Tem coisas maravilhosas.

E.: A senhora ficou quanto tempo lá?

I.T.: Fiquei um ano. E a minha parte de especialização foi prematuros, que tem um hospital muito...

E.: A senhora fez em que cidade?

I.T.: Em Paris mesmo. Eu fiz estágio no hospital, eu levei esse gabarito todo para Belo Horizonte, porque foi chegando de lá que eu fui pra lá, né? Então, eu fiz lá a parte de pediatria, a parte de prematuros e a parte de supervisão escolar. Toda escola lá é filiada ao Ministério da Saúde, Assistência Pública de Paris, que se chama lá.

V.: E no tempo que a Sra. era professora, principalmente na Carlos Chagas, a Sra. se lembra de desistência s de alunas e por que motivos as alunas começavam o curso e não terminavam?

I.T.: Não. Eu não tinha e nem era consultada quando tinha um problema desse.

V.: E um problema relacionado às alunas, a Sra. não participava, mesmo grandes brigas?

I.T.: Não, não, não, não. Aliás era muito calmo. Naquele tempo não tinha muito alvoroço dentro das escolas não. A gente era muito submissa, por causa desse regime

duro, porque regime de internato faz você ter um outro tipo de vida. O maior problema é querer fugir, né?, pra poder namorar, porque começava a se encontrar com os estudantes lá dentro do hospital. A maior parte se casou com médico, né?

E.: Quer dizer, aquelas transgressões que a Sra. viu na Luiza de Marillac, lá a Sra. Não presenciou, né?

I.T.: Não presenciei.

E.: [Riso].

I.T.: Por que não tinha internato. Quando eu fui lá o internato já não tinha mais [na EECC o internato foi fechado no final do ano de 1968.]

E.: Ah!, sei. Já tinha acabado.

I.T.: Essa parte de internato eu vivi muito, mas eu sou da segunda turma, né? Então, deu pra eu viver bem. Depois eu lecionei dezesseis anos na Escola.

E.: A Sra. passou, no tempo que a Sra. estava lá, a Sra. passou por quantas diretoras na Escola, a Sra. se lembra?

I.T.: Só com a Irmã Rosa Clarízia. Foram quatro anos só.

V.: E sobre a relação da Irmã Clarízia com as alunas ou na Escola, a Sra. não participava?

I.T.: Não, não participava. E nem também elas me procuravam pra qualquer coisa não, porque elas sabiam que eu mesmo, mesmo dando, querendo dar razão, aceitar a razão delas, eu não podia ir contra uma irmã minha, né?

I.T.: Eu podia dizer pra ela: “eu concordo com você que ela seja assim, assim, assim, mas eu não posso concordar com o que você está fazendo, porque se ela lhe chamou atenção é porque você está saindo fora de alguma coisa, fora do, das normas tratadas pela Escola, né?”

V.: Hum, hum. Depois da Irmã Clarízia foi a Irmã [Maria, Teixeira] Carmem que foi diretora e depois as freiras saíram. Como foi essa saída das freiras das escolas?

I.T.: Porque houve aquela Revolução, saíram as pessoas que gostavam das irmãs, que era o Dr. Versiani que era o diretor da faculdade, porque nós não tínhamos nada a ver com a Escola. É porque, tanto que as primeiras diretoras eram leigas, depois que a Escola ficou incorporada à Faculdade de Medicina foi que a prof..., a diretora da escola era a superiora do hospital.



V.: Tá. Então vou fazer a pergunta anterior. Por que as freiras foram pra, pra assumir a Carlos Chagas com a saída da Waleska?

I.T.: As freiras, porque as irmãs, a, eram, acho que as mais categorizadas na época, pra ser, porque eram alunas da própria Carlos Chagas, né? Elas tinham se formado ali dentro. Elas conheciam o regime da Escola, e como o hospital, a Faculdade de Medicina encampou o Hospital São Vicente, que era para o qual nós tínhamos ido, porque no hospital de psiquiatria não tinha irmã, no hospital [núcleo] não tinha irmã, não tinha irmã. Depois que as irmãs foram para o hospital - que nós já tínhamos uma porção de irmãs formadas - aí que assumiram, porque elas eram, elas já tinham o curso de enfermagem de nível superior. Então elas podiam assumir as duas coisas, elas podiam ser diretoras da Escola e podiam ser diretoras do hospital. E com isso facilitava muito, né? Por que se eu sou a superiora, se sou a diretora do hospital e diretora da Escola, eu trago tudo da Escola pra dentro do hospital sem nenhuma dificuldade. Eu acho que, que era isso que facilitou para as irmãs tomarem conta da Escola e por isso que o diretor do hospital fez questão. Foi na hora que encampou a Escola, encampou o hospital, a faculdade...

E.: De alguma forma teve a influência do diretor da Escola pra que isso ocorresse?

I.T.: Sim, uma vez que ele era o diretor, diretor da faculdade, a, a Escola era um apêndice da Faculdade de Medicina, ele que era o diretor tanto da Escola como a outra, porque a diretora era apenas a pessoa que o substituía, porque ele não podia acumular as duas coisas.

E.: Era quase que um ministro, né?

I.T.: É isso mesmo.

V.: E a saída então...

I.T.: A saída das irmãs foi quando inaugurou. Eu acho que a outra parte do Hospital das Clínicas e nós não tínhamos mais irmãs em número suficiente pra supervisionar todas as clínicas e..., foi naquela época do Concílio que sai de dentro dos hospitais e vai morar fora. Por que o hospital tinha uma garantia, elas ficavam 24 horas lá dentro. Serviço da noite era uma irmã que fazia. O pessoal leigo não. Aluna não fazia estágio à noite. Aluna não fazia estágio à tarde porque era a irmã que tomava conta.

V.: Fala um pouco dessa história do Concílio?

E.: E qual Concílio?

I.T.: Concílio Ecumênico. Abriu as portas e as comportas; todo mundo passou a ter uma certa liberdade. O voto de obediência era consciente e responsável. E eu sempre digo: abriu as portas...

E.: Esse Concílio é de que ano?

I.T.: Concílio Vaticano Segundo. Foi a partir daí que...

I.T.: João XXIII.

V.: Foi o [Papa] João XXIII.

I.T.: Foi a partir dessa época que as coisas começaram a dispersar. Foi na mesma época, nós saímos do hospital do IAPETEC; as irmãs moravam fora. Saímos do hospital do IAPB; saímos do hospital de Belo Horizonte. Aí dividiu a Província também. E aí eu já não pertencia mais à Província de Minas. Eu pertencia à Província do Rio de Janeiro.

V.: E para onde as freiras foram?

I.T.: Moravam numa casa de aluguel.

V.: Fazendo que tipo de trabalho?

I.T.: Eu, é como qualquer uma de vocês, qualquer enfermeira...

E.: E aí passou a ter um salário.

I.T.: Passou a ter um salário.

E.: Por que antes não tinha?

I.T.: A gente tinha um salário coletivo. Um contrato com a enfermagem: tantas, tantas irmãs recebem tanto, sabe? E nos dão casa, nos dão comida, nos dão médico, nos dão assistência médica, medicamentos, tudo isso. Depois que você passa pra fora, então você passa a ser uma funcionária do hospital, como qualquer outra.

E.: Agora, dentro da Congregação de vocês, vocês continuaram a fazer esse coletivo? Ou o dinheiro passou a ser individual?

I.T.: Não. Só na Santa Casa, só na Santa Casa. Por que aí os contratos modificaram. A Congregação passou a exigir tanto por cada irmã, fosse ela enfermeira ou não, mas já um contrato: tem vinte e quatro irmãs, recebem um salário mínimo por cada irmã e a superiora recebe dois salários, porque é responsável.

E.: Agora a minha pergunta é o seguinte: se essas irmãs passaram a receber

individualmente, mas se na casa, elas juntavam de novo esse dinheiro ou não? Ou cada uma gastava a sua?

I.T.: Nós como voto de obediência, nós não somos donas de nada. A nossa aposenta... Eu por exemplo, eu sou a, a, irmã melhor aposentada por trabalhar fora, porque eu fui aposentada como secretária executiva da ABEn [Nacional]. Então, meu salário hoje é maior que qualquer uma das irmãs, porque no máximo que as irmãs ganham agora é três salários mínimos, e eu ainda ganho cinco salários, um pouquinho mais de cinco, porque é cem reais e eu ganho setecentos e poucos reais de aposentadoria. Mas essa minha aposentadoria foi porque eu me aposentei trabalhando na ABEn e porque a ABEn assinou a minha carteira. Por que com as outras não. É, a partir daquela lei para os religiosos e de outros cultos também, né? Ministros do culto, religiosos e ministros do culto. Então, um pastor protestante, ele paga, a partir daquela data. Eu tive uma vantagem enorme porque eu trabalhei na ABEn de 76 a 82. Aliás, em 80 eu me aposentei, porque como veio a lei, eu incorporei todo o meu tempo de vida religiosa. Então eu comecei de 1937, quando eu entrei na Congregação, em mil novecentos... Eu paguei só diferença de 60 a 76 e me foi incorporado todo aquele tempo. Então eu me aposentei com 42 anos de serviço. Mas em função de uma lei específica para os religiosos. Agora as irmãs que trabalham lá no Hospital das Clínicas, não sei como está funcionando agora, porque é outra província, eu não sei. Agora eu sei que a Irmã Josefa, que depois foi pra, pra França, que era diretora da Escola de Goiânia, foi trabalhar. Agora ela está em Portugal, mas ela foi da Carlos Chagas. Ela se aposentou da Carlos Chagas e ela é agora professora lá em Portugal. E através dela que criou um pós-graduado lá. E tanto que ela vinha embora agora, mas não deixaram ela vir porque não tem quem a substitua.

V.: Irmã Tereza, o tempo que a Sra. ficou na Carlos Chagas, em Belo Horizonte, a Sra. foi, teve alguma relação com a Santa Casa ou com a Escola de Enfermagem Hugo Werneck?

I.T.: Eu tinha relação por causa da Associação Brasileira de Enfermagem. Não por causa de eu ser professora da Carlos Chagas, e nem porque eu estava no Hospital das Clínicas. A partir da Associação, que eu fiz a junção de tudo ali, porque era um tudo lá, um lá, um briga daqui, um separa de lá.

V.: A Sra. está falando bastante na ABEn. A Sra. foi a presiden... [Rindo].

E.: (inaudível) primeira a cruz Vermelha, antes de chegar na ABEn. Se ela... Se você perguntou da Hugo Werneck.

V.: A Sra. foi professora da Cruz Vermelha também?

I.T.: Da Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha não. Não, porque a Irmã Inês Bruzzi que era, mas dependia de mim, como enfermeira dependia de mim.

V.: Como assim?

I.T.: Porque pelo Departamento de Enfermagem do Hospital das Clínicas é que a Irmã Inês era a diretora da Escola..., da Cruz Vermelha.

E.: E a Sra., nesse tempo, também recebia estagiários da Cruz Vermelha no Hospital das Clínicas?

I.T.: Também, também, a supervisão da Escola da Cruz Vermelha era feita pela Irmã Inês e a supervisão das alunas da Carlos Chagas pelas professoras da Carlos Chagas.

V.: Bom, vamos entrar um pouquinho na história da ABEn. [Risos].

I.T.: Eu sou mais da ABEn do que Carlos Chagas.

V.: Eu estou sentindo. Bom, a Sra...

I.T.: Eu só fiz pra Carlos Chagas, foi abrir campo pra tudo dentro do hospital, porque o campo delas era restrito; elas entravam, tomavam conta dele, acabou.

E.: Era restrito devido ao rapaz que, que...

I.T.: Não, não, não, não. Nada a ver com isso.

E.: Não.

I.T.: Era só. Elas vinham, faziam estágio naquela clínica que um professor, era professor, era, era...

E.: Era catedrático?

I.T.: Professor da Carlos Chagas, sabe?

V.: As outras clínicas não recebiam as alunas?

I.T.: Não, não. Eram todas as clínicas que tinham as alunas.

E.: E a Sra. abriu esse espaço, porque a Sra. foi chefe de enfermagem ou, porque a Sra. conseguiu isso em termos de diretoria, como é que foi esse abrir, esse espaço?

I.T.: Não, não, eu abri o espaço porque eu fui presidente da ABEn e eu tinha um acesso muito grande ao diretor da faculdade. Doutor Versiani

me dava carta branca, porque todas as coisas eu tinha que levar pra ele assinar, né? Então, ele me deu carta branca. Então eu abri de verdade, as portas para o hospital, para a Escola Carlos Chagas. As enfermeiras da Carlos Chagas entravam e saíam a hora que bem entendiam do hospital.

E.: E em função disso a Sra. teve um convite pra ser professora da psiquiatria.

I.T.: Foi, porque não tinha ninguém pra dar aula naquela. Então era uma professora convidada, não nomeada. Não tinha nada, nada a ver com a Escola Carlos Chagas.

E.: E nem nada formal. E nem ganhava?

I.T.: E nem ganhava. Dava aula porque eu... Não tinha professora pra dar. Como eu pertencia ao hospital da Faculdade de Medicina e a Escola de Enfermagem era da Faculdade de Medicina, então eu fazia uma prestação de serviço do hospital para a Escola.

V.: Bom, a Sra. foi presidente da ABEn de 62 a 64. A Sra. quer falar um pouquinho?, ABEn-MG. O que foi feito nesse período que gratificou...?

I.T.: Quando eu cheguei na ABEn de Belo Horizonte, eu encontrei as coisas da ABEn, tudo espalhado. Funcionava na Santa Casa, a Escola de Enfermagem Hugo Werneck. Então eu pedi licença ao diretor da faculdade e pedi uma sala dentro do Hospital das Clínicas, porque para mim era muito mais fácil chefiar o hospital e tomar conta da ABEn, mesmo porque eu tinha que ir ao Rio toda semana quase, todo mês, por causa das reuniões de diretoria e dos compromissos anteriormente assumidos.

V.: Diretoria da ABEn Nacional?

I.T.: Da ABEn Nacional, que era nessa época, ainda no Rio de Janeiro. Então, transferi a Associação pra dentro do Hospital das Clínicas e depois juntei as enfermeiras todas. Cheguei lá, peguei um pinguinho aqui, outro ali, juntei as mais antigas, muito entusiasmadas. Dona Adonildes, dona Elza Lanza, aquele pessoal todo. Dona Rosa. A Izaltina era muito... A Izaltina sempre foi assim, pano de frente, ela nunca quis ser pano de fundo não. [Risos]. Eu peguei a Maria Tereza que trabalhava no ambulatório da Faculdade de Medicina. A parte de vacinação funcionava dentro do hospital. E aí a gente começou a fazer cursos, a preparar os atendentes pra fazer aquele curso da, da Lei 3.660. E começamos a dar cursos e juntar dinheiro, juntar dinheiro, juntar dinheiro, e então compramos a sede, aquela sede que, não a...

V.: Rua Alagoas.

I.T.: Não, a atual, mas na Rua Alagoas. Então a gente comprou aquela sede e ali a gente deu um cunho diferente à Associação, com todas as normas e com todas as técnicas da Associação Nacional. Por que eu era dir..., eu era tesoureira da ABEn Nacional e presidente da Seção de Minas. Então tudo que acontecia eu chegava e implantava. Foi quando a gente começou a fazer as reuniões em todos os hospitais, pra gente angariar sócias. Foi quando a gente começou a mandar todo mundo pra cá e pra lá, fazer curso aqui, fazer curso ali. Foi quando a gente conseguiu juntar grupos. Ia um grupo grande para os Congressos; pegar gente de Belo Horizonte e enfiar dentro da ABEn Nacional. Foi a partir daí.

V.: É, antes de, da, da inauguração da sede que foi em 66, em 63..., é, durante a Semana Brasileira de Enfermagem a Sra. foi homenageada, não foi?

I.T.: Fui.

V.: Durante a, em comemoração ao aniversário da enferma..., da Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Como é que foi? A senhora se lembra dessa solenidade?

I.T.: Não. É porque... Não me lembro nem aonde foi. Acho que foi no próprio Hospital das Clínicas que a gente fez isso. Por que a gente usava o auditório do Hospital das Clínicas ou usava um auditório do, da, da...

V.: ... Santa Casa?

I.T.: ... da Santa Casa. Era assim, comum acordo. Existia uma ligação muito grande entre as duas escolas. Inclusive, foi a Elza Lanza que lecionava numa [escola] e supervisionava as alunas da outra. E uma era formada de cá e ia lecionar. Por que naquele tempo não: quem era de cá era de cá, quem era de lá era de lá, não se misturava não.

V.: Só as alunas, só as professoras, ou havia outras?

I.T.: Não, as alunas também. Elas falavam: eu sou aluna da Carlos Chagas. A outra: eu sou aluna da Hugo Werneck. Era assim. Divergências também, mas depois juntou todo mundo. A Clélia também tinha assim, um espírito muito comunicativo. Uma influência política muito grande. Foi nessa época que a gente conseguiu nível superior para as enfermeiras em Belo Horizonte, quer dizer, no tempo que eu era presidente da ABEn nós conseguimos nível superior para as enfermeiras. Conseguimos o quê mais gente?

Homenageamos o Governador do Estado. Aí era uma politicagem danada. A Escola de Saúde Pública se entrosou muito com a gente. Eu, foi uma, uma política de boa vizinhança, foi o que eu mais pude fazer lá. Tanto que a Irmã Matilde, a Irmã Matilde não. Marina Resende brigou com as enfermeiras mineiras, que eu recém chegada de lá e assumi a presidência da ABEn. Uma enfermeira mineira não se habilitava. E alguém disse pra ela: “ninguém preparou a gente, porque se você se form..., foi presidente da ABEn [Marina de Andrade Resende foi presidente da ABEn-MG de 1952 a 1954], foi embora para o Rio de Janeiro e nós ficamos aqui sozinhas”. Por que não tinha ninguém da diretoria de Minas que pertencesse à ABEn Nacional.

V.: Por que a Marina ficou tão pouco tempo em Belo Horizonte?

I.T.: A Marina era funcionária do SESP. E como funcionária do SESP, não tinha paradeiro, né?, era do Brasil inteiro. Marina supervisionava toda a parte do SESP no Brasil todo; em Manaus, em Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, a sede era no Rio de Janeiro. Depois também [houve] desavenças lá dentro também, as colegas também. Quando eu vim da França, Marina era presidente da ABEn [Marina de Andrade Resende foi presidente da ABEn Nacional de 1958 a 1962], eu fui eleita tesoureira enquanto eu estava fazendo o curso lá na, na... Quando eu voltei, encontrei Marina num corredor, sem sala.

V.: É, eu me lembro sobre isso. Como é que foi essa saída dela do [SESP]?

I.T.: Foi uma indução da Ermengarda saiu, saiu dali e botaram depois uma outra sala lá no outro lugar.

V.: Ela foi destituída da sala e não da, da função.

I.T.: Da sala e do posto.

V.: E do posto também?

E.: Do SESP?

I.T.: Do SESP, do SESP. Foi quando ela adoeceu. Aí eu levei ela para o Hospital das Clínicas e dei toda assistência que eu podia dar a ela. Inclusive a mãe dela tinha ódio das enfermeiras. Aí depois passou a ser fã número um. Ela dizia que as enfermeiras tinham matado a filha dela, porque Marina também deixou um cunho religioso muito profundo na Associação Brasileira de Enfermagem, que todo mundo até então não tinha religião de qualidade nenhuma. Dona Edith de Magalhães Fraenkel, ela se dizia

agnóstica, Maria [Souza Pinheiro] era agnóstica, a Glete [de Alcântara] era agnóstica. E, em função da doença da Marina todo mundo foi ser Católico Apostólico Romano de cunho. Glete morreu com Madre Domineuc na cabeceira dela, dando comunhão diariamente pra ela. Dona Maria Rosa hoje não perde uma missa. Agora não sei como ela está, porque ela está doente.

E.: Mas, por que essa doença da Marina levou a essa busca religiosa?

I.T.: Porque ela era muito, ela, ela, ela... Dentro da ABEn ela se tornou um expoente. Era Marina por todo canto.

E.: Mas por quê?

I.T.: Porque ela é uma moça muito inteligente. Ela se dedicou de corpo e alma à enfermagem. Ela deu vida à Revista Brasileira de Enfermagem. Ela criou o Boletim da Associação Brasileira de Enfermagem. Cavocando nas coisas, enquanto eu fui secretária executiva, eu me gabo muito disso, e ainda perguntei isso agora para as meninas: “cadê o rascunho do primeiro boletim feito à lápis pela Marina?” A menina disse...

E.: Boletim da...

I.T.: Boletim Informativo da ABEn. Foi Marina quem criou. Ela que deu vida à Revista Brasileira de Enfermagem, que estava morrendo.

E.: A Revista Brasileira nessa época da Marina já tinha o formato que tem hoje? Por exemplo, com aquela, aquela santa, que é Santa Rosa? Não é isso, na capa?

I.T.: É, é.

E.: A senhora sabe a origem da, da, daquela Santa Rosa? Quem decidiu colocar a Santa Rosa na capa?

I.T.: Não. Aquilo já tinha, já tinha sido, acho que com a Glete. Acho que foi com a Glete. [A capa da Revista Brasileira de Enfermagem foi modificada em 1955 pelo decorador e desenhista de nome Santa Rosa, por solicitação da Diretora da ABEn. Glete de Alcântara foi presidente de 1952 a 1954. De 1954 a 1958 a presidente foi a Maria Rosa de Sousa Pinheiro].

E.: E a Glete era religiosa, religiosa assim...?

V.: Agnóstica.

I.T.: Agnóstica [completamente].



E.: E por quê decidiu-se colocar uma santa na capa?

I.T.: Ah!, nessa capa, aquilo é, eram aquelas histórias fixas de São Vicente de Paulo, de essa confusão toda de dona Waleska escrevendo um livro sobre a história da enfermagem. É por isso. Porque quem escreveu a primeira história de enfermagem foi dona Waleska, da Escola Carlos Chagas.

V.: Por que a Waleska saiu da Escola Carlos Chagas?

I.T.: Porque ela foi substituir dona Laís, que pediu que ela fosse a, diretora da Escola Ana Neri, que também foi outro choque tremendo, né? Por que foi buscar uma da Carlos Chagas pra ser diretora da escola padrão do Brasil.

E.: E por que foi buscar?

I.T.: Porque a dona Waleska era discípula assídua de dona Laís Neto dos Reis, e dona Laís Neto dos Reis era política até debaixo d'água, e assim [amiga, íntima] com Getúlio Vargas. [Risos].

E.: Conta pra nós mais um pouquinho dessa história aí, porque essa é uma outra história meio obscura pra nós. [Risos].

I.T.: Qual é a história obscura pra vocês?

E.: Essa da, da saída da Waleska e da, dessa relação política.

V.: Porque quando ela saiu da Carlos Chagas, a Escola ficou mal, a Carlos Chagas. Então, esse trecho que a gente não, não consegue...

I.T.: Por que vocês não conseguem? Foi aí que as irmãs assumiram. Porque não tinha ninguém pra ir para lá. Porque a melhor aluna da dona Laís era a dona Waleska.

E.: E por que desvestiu um santo para vestir outro?

I.T.: Porque era mais importante a Escola Ana Neri. E a dona Laís era da Escola Ana Neri e dona Laís não é da Escola Carlos Chagas e ela teve como alunas a dona Waleska, Irmã Catarina Fiúza, é, Irmã [Josefa], uma que já morreu, a Irmã [Filomena] Couto, que já morreu e a Irmã [Zoé] Junho que está viva. Só tem duas vivas, a irmã Catarina Fiúza e a irmã Zoé. Foi aí que a irmã Catarina Fiúza já levou a irmã Coimbra pra professora da Escola que era professora da Marillac. E transferida para Belo Horizonte, então.

E.: E o que estava acontecendo na época na Ana Neri, que foi preciso de levar a Waleska para lá?

I.T.: A política que existe em todo lugar, minha filha.

### [FINAL DA FITA 1 LADO B]

### FITA 2 LADO A

V.: Sim, continua.

I.T.: E eu tive contato com dona Waleska lá em São Paulo, lá no Rio de Janeiro.

V.: Espera só um pouquinho. A senhora falou que as adeptas à dona Waleska continuavam...

I.T.: Não, as adeptas de dona Laís passaram a ser amigas de dona Waleska, e que as que não eram de dona Laís ficaram do outro lado, então foi aquela coisa. Mas aí foi... Eu tinha também gente de muito peso na Escola Ana Neri, que era a Zaira Cintra Vidal, era Rosaly Taborda, era Judith Arêas, era a Clitonenstra [Pessanha], era aquele grupo dos hospitais que a Escola Ana Neri, ela fazia o estágio com as alunas dela, com as professoras que eram da escola e do hospital. Elas tinham duas funções e elas se aposentavam com dois empregos, professora da Escola Ana Neri e enfermeira do Hospital São Francisco. Professora da Escola Ana Neri e enfermeira do Hospital São Sebastião. Enfermeira, professora da Escola Ana Neri. Enfermeira do Hospital Artur Bernardes, que era enfermeira da Escola Ana Neri. Professora da Escola Ana Neri e enfermeira do Hospital da Aeronáutica, porque elas faziam estágio nestes lugares.

E.: E a relação que a senhora disse da, é, Laís com Getúlio Vargas, como é?

I.T.: Ela é... O marido dela era político, muito amigo do Getúlio. Então...

E.: O marido dela era o quê?

I.T.: Não sei. Ela ficou viúva. Eu a conheci viúva. Então essa amizade dela, eu sei que era [devido] ao marido dela. Era o que eu escutava dizer, porque eu sei um pouco dessas coisas porque a Semana da Enfermagem era feita, todas as escolas do Rio de Janeiro, na Escola Ana Neri, tá? Então, a gente via aquela pompa, aquela coisa. Getúlio Vargas em uma cerimônia dessas era coisa do outro mundo, e a Lei 775/49 [dispõe sobre o ensino da enfermagem] foi sancionada por causa de dona Laís. Ela chegava junto e dizia assim: "Presidente, eu quero isso", e conseguia isso.

E.: E a senhora supõe que essa transferência, saída da Waleska para o Rio foi através dessa influência dela, com...

I.T.: Com certeza. Ela não tinha aquele tempo de, que não era esse negócio de colegiado, que são três professoras..., tinha nada disso não. A nomeação era em função de alguém que te indica.

V.: Quando Waleska foi para o Rio ela levou com ela alguns auxiliares. A senhora se lembra de alguma...

I.T.: Não. Só sei de uma que se apegou muito a ela. É que, e ela teve que pagar um tributo para o resto da vida; Laís, mas que foi aluna dela na Escola Ana Neri, da Escola Carlos Chagas, eu não me lembro.

V.: A dona Primavera que era ecônoma na época da Carlos Chagas, ela saiu junto com Waleska. A senhora tem alguma informação?

I.T.: Não. Nem conheço ela, nem ouvi falar.

E.: Eu não sei se eu perdi, ou se eu não entendi, ou a senhora não me respondeu. A questão do que estava acontecendo de fato na Ana Neri, que preciso que a Waleska ir para lá?

I.T.: Eu fui indicação da dona, da dona, Laís.

E.: Mas não tinha nada específico. Algum problema lá?

I.T.: Se tivesse algum problema específico era debaixo do pano. Eu, como aluna, não ia saber disso não.

E.: Ah!, tá!

V.: E a Laís foi fazer o quê quando a Waleska foi?

I.T.: Ela se aposentou.<sup>2</sup>

V.: Ah!

I.T.: Ela se aposentou. Foi por isso. Quis deixar uma pessoa dela no lugar e não outra, porque depois da dona Waleska foi a Elvira. Aí já era gente formada por dona Waleska. E aí num certo sentido, ficou um buraco, vamos dizer em Minas Gerais, em termos de gente capacitada pra entrar.

E.: É, é isso que a...

I.T.: É. A minha interpretação é essa.

---

<sup>2</sup> Waleska Paixão foi para o RJ em maio de 1948. Laís Netto dos Reys faleceu em 03/07/50.

E.: E por isso entraram as irmãs.

I.T.: É. As irmãs entraram em função delas tomarem conta do hospital e da escola ter passado pra faculdade, porque era uma escola mais ou menos Municipal, né?

V.: Era Estadual.

I.T.: Aí passou, anexada à Escola Ana Neri, ela pôde pertencer á faculdade, porque a faculdade era federal.

V.: Equiparada...

I.T.:... à Escola Ana Neri, ela foi. Por isso ela passou a ser uma escola federal. Porque senão ela teria sido uma escola estadual, igual a qualquer outra por aí, de Alfenas [cidade no interior de Minas Gerais] e não sei mais o quê, né?

V.: A Clis, Cli...]

I.T.: Clitennestra.

V.: Ela ainda é viva?

I.T.: Não.

V.: Não, né? Ela foi também, diretora da Escola [Carlos Chagas de dez/38 a jul/39.

I.T.: Não, não. Ela era ecônoma.

V.: Ela foi na Escola Ana Neri, ou na Carlos Chagas?

I.T.: Ela, não, não sei...

V.: Que período ela...

I.T.: Eu conheci a Clitennestra foi na Escola, na Escola Ana Neri, não conhecia a Clitennestra antes não. Eu só soube que a dona Waleska foi pro Rio de Janeiro, pra Carlos Chagas porque ela era aluna predileta da dona Laís, só isso.

E.: E ela tinha outras prediletas?

I.T.: Não sei.

E.: Essa era da escola dela, ou não? [Risos].

I.T.: Isso eu não sei.

V.: A senhora sabe, o grupo que a senhora falou que tinha, o grupo...

E.: Só uma coisa. Ela disse que ela tinha pago um tributo, é, é... A senhora tinha dito que ela tinha levado alguém, que ela tinha pago um tributo alto por isso o resto da vida, e a senhora não completou isso aí não.

I.T.: A Marina?

E.: Não, a Marina não.

I.T.: A Waleska?

E.: A Waleska, é.

I.T.: Ah! Foi uma enfermeira que foi aluna dela, que era, porque dona Waleska, não sei se vocês sabem, ela era uma religiosa leiga, né? E lamentavelmente ela morreu praticamente sozinha, porque as irmãs de caridade não...

V.: É?

I.T.: A irmã foi buscá-la e levou-a para o Hospital da Providência, porque ela era petropolitana e o setor dela não tinha ninguém, só as irmãs de caridade. A irmã Ester foi, a irmã que é diretora da escola de auxiliar de enfermagem, deu toda a assistência possível e imaginável.

V.: Onde que ela faleceu?

I.T.: Petrópolis, no Hospital da Providência.

V.: Mesmo estando lá e sendo uma pessoa tão...

I.T.: Minha filha, quando você não está fazendo alguma coisa, o povo te esquece. Eu vim agora de Brasília e estou chorando até hoje, Lídia das Dores Mata, a primeira enfermeira do Senado do Brasil, está cega,[emociona-se] parece assim, uma mendiga dentro da própria casa dela, porque a irmã que tomava conta dela morreu. Com três sobrinhos, os irmãos estão no Rio de Janeiro, e então ficou sozinha, com outra irmã surda com Mal de Parkinson, sentada numa cadeira de rodas sozinha. Eu perguntei para as enfermeiras: "Gente, vocês não vão olhar a Lídia não?" Ela chorava, eu chorava com ela. Eu disse: "Lídia eu não posso te levar pra minha casa. Eu não vou ficar muito tempo lá, e você tem uma outra irmã. Se fosse você sozinha não tinha problema". Eu trouxe Josefina Melo também. Que as enfermeiras, depois que ela veio aqui, que o pessoal daqui amigo dela deu assistência a ela, fiquei com ela um mês aqui em casa. Ela foi pra Manaus depois de uma enfermeira chegar na escola de enfermagem na qual ela tinha sido diretora, que fez um trabalho. Porque a diretora da escola também não deu. Então a gente se esquece; e eu vi isso também da Clélia Pinto, [ex presidente da ABEn-MG ], vi. A sobrinha dela me contou e ela, não sei se vocês estavam lá naquele dia que elas prestaram homenagem pra gente lá.[Homenagem às ex presidentes da ABEn-MG por ocasião da Semana de Enfermagem de 1995]

V.: Estávamos.

I.T.: Que a menina estava pondo em público um pedido da tia, que as colegas se lembrassem das colegas, porque você faz, faz, faz, faz..., na hora que você morre, você não tem ninguém com você. Mas isso está acontecendo no mundo inteiro, eu vejo aqui. Os filhos não querem mais saber do pai nem da mãe.

E.: Então, voltando ao tributo.

I.T.: Ao tributo. Essa moça, ela teve que levar essas pessoas, foi tanto que ela foi, porque ela foi atropelada.

E.: Essa enfermeira? A senhora não lembra o nome dela?

I.T.: É... Ela era de Juiz de Fora, Laís Horta.

E.: Laís Horta?

I.T.: Então, aonde dona Ana Waleska ia, tinha que levar a Laís. Então, até soou um pouquinho mal pra ela, né?

E.: Como assim.

I.T.: Na reputação dela que era só Laís, que era só Laís, que era só Laís. E ela era uma pessoa pouco tratável com os outros. Então, criava assim, um (...)

V.: A dona Waleska é...

I.T.: Não, não, não. Essa Laís...

E.: Em termos de relacionamento pessoal essa reputação, é isso que a senhora está querendo dizer?

I.T.: É. Que ela dava muita atenção a ela. E a língua da gente não fica presa dentro da boca de jeito nenhum, quando ela pode te denegrir, a te fazer um elogio, mesmo tendo um brilhante deste tamanho na sua mão, se você não quer enxergar, você não enxerga a mão.

V.: E a Waleska teve algum problema nesse nível de reputação, por causa da outra, por ser amiga da outra Laís também? Laís...Netto não?

I.T.: Não. Acredito que não. Não. Oh, a outra Laís era uma mulher de um porte assim, oh, oh!, [gesticulando com o braços abertos] como se diz em francês, [un touchable = intocável] né? [Risos].

V.: A senhora falou que a senhora está voltando de Brasília. O que a senhora foi fazer em Brasília agora?

I.T.: Eu fui pra comemoração dos setenta anos da ABEn.

V.: A senhora foi convidada?

I.T.: Fui convidada porque foram homenageadas lá, as ex-presidentes da ABEn. Mas foi só Maria da Graça Simões Couto Imperial, a Iêda Barreira, a Auxiliadora [ Maria, Córdova Christófaro]. E mandaram substitutas, a Stella [Barros] e a Maria José [Rossi]. Agora que estão vivas ainda, a dona Maria Rosa [Pinheiro]. Ela tem noventa e três anos. Ela não pôde ir. A Circe [de Melo Ribeiro] desligou-se totalmente da enfermagem, porque a Circe é espírita, então ela está totalmente voltada pra religião dela e a Clarice [Ferrarini] que está com problema de família e também não foi. E a Amália [Corrêa Carvalho] também está em Ribeirão Preto, não sei porque não foi. Não tomei conhecimento.

V.: É, na ABEn a senhora é sempre lembrada, pelo visto. Várias vezes, ao longo dos anos...

I.T.: Olha, até hoje, ao longo dos anos, no dia do meu aniversário eu recebo telefonemas, do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

V.: Eu tenho aqui, 63, 66, 72, 70... Não, 72 enfermeiras do ano.

I.T.: É.

V.: Então a senhora está sempre lembrada?

I.T.: Estou sempre. Em 76 eu fui ser secretária executiva [da ABEn Nacional] fiquei em Brasília até 82. Em 82 eu saí, entrei, fui para a Congregação, mas mesmo não tendo mais ainda... Em 86 eu ainda fui tesoureira do Congresso no Rio de Janeiro, onde comemorou os sessenta anos da ABEn. Depois eu vim pra cá, enquanto a Lóris esteve lá. A Lóris sempre me deu muita atenção, me convidou várias vezes. A Lóris saiu, esse pessoal mais novo não me conhece. Então eu vou me encontrar com elas agora. [Risos].

V.: Oh! Um pequeno protesto. Eu sou do grupo mais novo e estou aqui como ABEn também!

I.T.: Eu acho que fiz um elogio a vocês de Belo Horizonte. É porque nós, as antigas, e eu não falo isso porque estou sentida ou por qualquer outra coisa. Eu não sei por mim, porque pra mim as coisas passam. Eu sou uma religiosa, eu não tenho apego. Não tenho. Não preciso de promoção, não preciso de projeção pra eu ser alguma coisa pra subir, pra fazer, mas houve um, uma assim, uma cisão, né?, do passado com o presente,

e eu fiquei muito feliz e disse isso em público, de ver o que o grupo jovem de Belo Horizonte tinha se lembrado do grupo velho.

V.: Isso na comemoração da Semana de Enfermagem, ano passado [1985].

I.T.: Da Semana de Enfermagem, ano passado, em que elas homenagearam as presidentes, né? Então, eu estava lá. A Lídia [de Queirós Rocha] estava lá, a sobrinha da Clélia, que foi representá-la, porque já tinha falecido, a irmã Cecília estava 'também lá, a Waleska Paixão já tinha morrido, a irmã Helena Villac já tinha morrido.

V.: A que a senhora atribui essa cisão da ABEn e quando ela aconteceu?

I.T.: Com a politicagem de gente que entra como entrou em todo lugar. Pessoal da esquerda tratou de se infiltrar nas comunidades religiosas. Tratou de se infiltrar nas escolas de enfermagem. Se infiltrou na Associação Brasileira de Enfermagem, porque as pessoas que militavam de corpo e alma se cansaram também, né? Quer dizer, Maria Rosa passou a vida dela dentro da enfermagem. Clarice Ferrarini não se casou. Passou a vida dela na enfermagem. Amália Corrêa de Carvalho não se casou. Passou a vida dela toda dentro da enfermagem. A Anayde Corrêa de Carvalho também. Quer dizer, elas viveram pela ABEn e viveram pela enfermagem.

V.: A senhora acha que é por isso que não se casaram? Tem algum relato disso?

I.T.: Acredito que sim, porque elas se dedicaram tanto à profissão que elas não ligaram pra essa parte afetiva, pessoal delas.

V.: Não tinha tempo pra namorar!

I.T.: Não tinham tempo pra namorar... Eu acredito que seja pela convivência.

E.: Uma olhando pra cara da outra, porque não [nos casamos também] [Risos].

I.T.: Não. Você olha pra trás, em Belo Horizonte mesmo. Você vê as pessoas que se dedicaram de corpo e alma na enfermagem (inaudível). A Helena até hoje ainda está envolvida com vocês! E Helena já é a primeira ou segunda turma. Helena Pereira?

V.: Helena Pereira.

I.T.: Não é casada. Teve problema de família, que ela foi com a família. Mas eu acho que ela nunca, Helena foi um braço forte pra mim a vida inteira.

V.: Quem mais a senhora se lembra, do tempo da ABEn, que tem alguma coisa a ver com a escola?

I.T.: Com a Escola de Enfermagem [Carlos Chagas]?



V.: Carmelita...

I.T.: A Carmelita [Pinto Rabelo] foi diretora também, né? Eu trabalhei com Carmelita na época também. Carmelita fazia parte da comissão...

V.: E na Escola? A senhora se lembra desse período com a Carmelita, enquanto professora?

I.T.: Não, porque eu saí, logo em seguida eu saí.

V.: Ela era aluna na época.

I.T.: Ela era aluna ainda, e logo depois ela se entrosou na enfermagem. Eu trouxe ela pra dentro da ABEn. Todo mundo que entrou assim, no meu tempo com a ABEn, eu acho que ainda é fiel até hoje. Maria José foi a...

V.: Maria José Silva?

I.T.: Maria José Silva foi a... A Elza Lanza, foi a Carmelita, foi a Dilza, foi a... Uma muito miudinha, não me lembro o nome dela. Uma que o irmão dela era o reitor da Universidade na época. Ana Maria. Ela era, ela trabalhava comigo lá no hospital. O irmão dela foi reitor da Universidade. Quando eu fui acidentada, inclusive ele foi me visitar.

V.: Antes de chegar no acidente. É, durante o tempo que a irmã Cecília [Behring] esteve em Belo Horizonte ela criou o curso de pós-graduação em obstetrícia.

I.T.: Em obstetrícia, foi.

V.: A senhora pegou alguma coisa, algum fruto, digamos assim, dessa pós-graduação?

I.T.: Não, porque muita gente fez o curso de obstetrícia e todas as enfermeiras lá tinham curso de pós-graduação de obstetrícia, todas elas.

V.: E acabou...

I.T.: Também não sei porquê, eu sei que depois, quem chefiou o Hospital das Clínicas, a parte de obstetrícia; eu além de ter a supervisão geral, eu ainda supervisionava a parte de obstetrícia, porque a irmã Cecília saiu e então eu tive que ficar com as duas coisas.

V.: A senhora criou na ABEn-MG, a Comissão de Assistência à Maternidade e à Infância.

I.T.: Porque na ABEn tinha essa comissão. Tudo que tinha lá eu transferi pra sessão.

V.: ...na ABEn Nacional?

I.T.: É, eu transferi pra seção.

V.: Essa comissão não tem nada a ver com esse curso de especialização?

I.T.: Sim, porque tinha uma porção de enfermeiras em, Belo Horizonte, que tinha o curso de enfermagem obstétrica.

V.: Facilitou.

I.T.: É, facilitou. Como a ABEn tinha essa comissão, esse pessoal todo se agrupou, e, nessa comissão. Depois acabou essa comissão, porque a ABEn limitou a cinco comissões só, né? A Revista Brasileira de Enfermagem, a Comissão de Pesquisa, a Comissão de Educação, a Comissão de Assistente de Enfermagem. É Assistente de Enfermagem que ainda se chama?

V.: Agora mudou tudo no novo estatuto, mudou tudo de novo.

I.T.: Eu nem conheço o novo estatuto.

V.: [Riso]. É de 94.

I.T.: Foi de 94? Vamos almoçar? Pára aí.

### [INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]

V.: É, voltando do almoço, vamos continuar as atividades da senhora enquanto membro da ABEn, da diretoria da ABEn.

I.T.: Quando eu saí de Belo Horizonte eu estava doente, mas eu nunca deixei de trabalhar na ABEn, porque eu fui acidentada.

V.: Ah! É isso! Foi a história do acidente.

I.T.: Eu fui acidentada e eu fiquei muito mal mesmo, porque o povo que me tratava, eles diziam que eu ia ter crise convulsiva, que eu ia ter isso, que ia ter aquilo. Eu fiquei apavorada. Então, eu fiquei com medo de sair de casa, mas eu nunca deixei de trabalhar na ABEn.

V.: O que aconteceu com a senhora? Que acidente foi esse?

I.T.: Caiu um cofre de 450 quilos na minha cabeça. Eu tive fratura no crânio, vômer dentes, cinco costelas, sacro e cóccix.

E.: Como é que foi esse, esse... Como é que esse cofre caiu? A senhora se lembra?

V.: Só porque a senhora era tesoureira, mexia com dinheiro!

I.T.: Dizia, todo mundo dizia que era isso, mas não era não. É porque eu sou muito veloz em tudo que eu faço. Lá no Hospital das Clínicas, não sei se ainda tem, tinha um

cofre do tempo do império com a chave desse tamanho assim, sabe? Então, aquilo martelava a minha cabeça, que ele estava enferrujando, e eu tinha medo que ele caísse. E eu fui fazer curso de administração hospitalar no Rio de Janeiro. Eu ia e vinha no fim de semana. Então, quando foi na terça-feira santa, eu pedi ao doutor (inaudível) [Amando] que eu sabia de cor e salteado a matéria que ele ia dar, porque ele estava falando justamente na minha congregação. Ele errou, eu corrigi. E eu disse: olha doutor, o que o senhor... A matéria que o senhor vai dar amanhã, eu já sei de cor e salteado. Então, o senhor me dá licença que eu vou pra Belo Horizonte. Isso foi na terça-feira. Quando foi na quarta-feira santa, eu fui pra secretaria pra pôr as coisas no lugar, né? Quando eu entrei, eu pedi o homem pra ele fazer um estrato pra colocar em cima. Ele pegou quatro tacos de madeira e ficou um em cada canto.

V.: Do cofre?

I.T.: Do cofre. No abrir e fechar, aquilo foi deslizando. E o cofre era oco, assim por baixo, sabe? Tinha aquela [câmada], mas era oco. Eu fui puxar, o taco escorregou e aquele pesão todinho veio em cima de mim. Eu quis segurar com as mãos, mas o chão encerado, eu escorreguei, eu bati com o rosto no chão e ele bateu em cima de mim. Aí eu fiquei lá em baixo.

E.: A senhora estava sozinha na sala?

I.T.: As meninas estavam na secretaria trabalhando. Quem me acudiu foram os estudantes que tinham que fazer um check-up ali pra poder entrar na faculdade (inaudível). E foram um bando de rapazes pra sustentar, pra me puxar, que nem quem puxa um saco de batata, e me pôs em pé. Aí era sangue pra todo lado, né? Por que abriu pra cá, pra cá [mostrando os lugares no corpo], mas na hora eu não perdi o sentido, eu perdi o sentido depois. Aí eu só fui acordar no dia vinte e cinco. No dia trinta e um eu fiquei inconsciente. Dia trinta e um estourou a Revolução. Eu acordei com a gritaria daquele povo.

E.: Então isso foi em 64?

I.T.: Foi em 64, e eu fiquei de 64 a 68 sob cuidados médicos.

V.: Em Belo Horizonte?

I.T.: Não, não. Eu vim embora.

V.: O primeiro atendimento foi...

I.T.: O primeiro atendimento foi no Hospital das Clínicas, coisa mais engraçada do mundo. Eu dentro do hospital, me botam numa maca e atravessam a rua comigo e vai lá pro Pronto Socorro.

V.: Na Rua dos Otoni?

I.T.: É naquela ruazinha ali, que subia. Por que não tinha mais nem um médico em casa. Porque faculdade é assim, meio dia os professores vão embora e os alunos também, e o hospital fica por conta da gente, né? E eu fui atendida lá (inaudível).

Mas aí depois, irmã Visitadora não quis que eu ficasse lá. Me chamou para o Rio de Janeiro. De lá então, eu fiquei trabalhando direto pra ABEn. Depois eu comecei a trabalhar novamente no Hospital das Clínicas, porque a gente estava passando muita necessidade lá, na (inaudível). Provincial, tinha as irmãs velhinhas, pouca gente trabalhava.

V.: No Rio de Janeiro?

I.T.: No Rio de Janeiro. Aí eu fui trabalhar em plantão. A Diva era a enfermeira chefe, era minha aluna, tinha sido minha aluna e ela então me liberava. Eu dava um plantão dia de sábado e domingo porque o povo não gostava de trabalhar no sábado e domingo, na sala de parto! Então eu trabalhava sábado o dia inteiro, domingo até meio dia. Eu fazia trinta e seis horas, porque eu trabalhava dia e noite, né? Até o meio dia. Depois eu vinha pra casa, que era pra eu ter a semana toda livre pra eu ir trabalhar na ABEn.

V.: Quer dizer, nessa época a sede da ABEn ainda era no Rio?

I.T.: Era na Av. Roosevelt.

V.: A primeira sede.

I.T.: É, a primeira sede que a ABEn adquiriu também através de dinheiro do Congresso, né? Depois então, [quando] a gente transferiu pra Brasília foi na gestão da Iêda, porque a Amália deixou, passou pra Iêda, [Clarice] Ferrarini era secretária executiva da ABEn, mas tinha sido escolhida pelo doutor, como é o nome dele? Não o Jatene, o outro, que também foi ministro. Então, ela foi pro Ministério da Saúde e ela morou comigo, na minha casa. Então vai pra lá, vem pra cá, ela disse: “Eu tenho que ir embora pra Brasília, porque agora o Ministério vai mudar pra lá. Aí a Iêda pediu pra eu ficar, e quando foi pra Brasília. Então eu fui pra Brasília, e a Clarice não podia mais. Então eu substituí a Clarice na secretaria executiva.

V.: Como que a senhora voltou a Belo Horizonte, pra alguma...

I.T.: Não só voltei pra, pra, pro Congresso que eu voltei.

V.: O Congresso de...

I.T.: É, pra esse bendito Congresso que nós conversamos na hora do almoço.

V.: A senhora quer falar mais alguma coisa, quer dizer agora gravando, sobre esse Congresso de 84?

I.T.: Naquele Congresso de 84 eu fui tesoureira, me pediram pra eu ser tesoureira, porque na hora da partilha, e como a ABEn assessorava e eu assessorava os congressos todos, então eu fui tesoureira deste Congresso também, porque como eu fui, fui tesoureira do Congresso de Recife, do Rio, do Rio Grande do Sul, tesoureira de vários congressos.

V.: Nesse período todo.

I.T.: Nesse período todo. E no Congresso de Belo Horizonte, então eu era secretária, era tesoureira e fazia parte da Comissão da Organização do Congresso.

V.: Fala pra gente o que foi de diferente nesse Congresso em Belo Horizonte. O que aconteceu?

I.T.: Foi a partir desse congresso que a ABEn começou a degradingolar. A degradingolar do meu ponto de vista.

V.: Sei.

I.T.: Porque eu não comungava, e nem toda a equipe que trabalhava com a gente não comungava com essas idéias. Então foi uma campanha acirrada, sabe? Já tinha no, no de Brasília já foi um pouquinho assim, porque a presidente escolhida pela presidente que saía era Vilma Carvalho, e a Circe [de Melo Ribeiro] derrubou. Então começou um negócio, a criar uma cisão dentro da ABEn a partir daí, né?

V.: Dentro da própria, do grupo que estava...

I.T.: ...da ABEn Nacional, porque é... Antigamente a primeira, a presidente passava a ser segunda presidente. Então criou-se aquela animosidade, e foi a primeira vez que a eleição foi feita, a presidente escolhendo seus membros, porque a gente tinha uma comissão de preparo de chapa e a primeira... E a gente convidava daqui, dali, dacolá, e a partir da Iêda, então começou, criou-se a chapa única, como no conselho quem quiser apresentaria sua chapa. Então, a presidente que encabeçava a chapa, era que gostaria

de trabalhar com fulano, fulano. Então a gente convidava e a pessoa aceitava. E aí então, inclusive veio, ela fez uma intervenção pra apurar a chapa, porque ela achou que São Paulo tinha, ah, ludibriado, camuflado, não tinha cumprido, eu sei que foi a partir daí, aí eu desgastei muito. Tanto que só fiquei mais um ano e depois...

V.: Isso entre Iêda...

I.T.: Entre Iêda e Circe.

V.: E Circe. Seria Vilma que seria...

I.T.: Seria Vilma candidata da presidente.

V.: Ah!, sei. E aí foi São Paulo...

I.T.: ... que teve mais força, que já era a quinta presidente consecutiva de São Paulo. Porque era a Circe, era a Amália, era a Anayde, era a Maria Rosa, era a Glete [Alcântara], era todo mundo de São Paulo, e a partir de Iêda... Engraçado, eu, Clarice e Amália que escolhemos a Iêda pra ser presidente.

V.: Iêda Barreira e Castro?

I.T.: Iêda Barreira e Castro. Então, o negócio começou a atritar-se, porque o temperamento da Iêda... A Iêda sempre foi mais de esquerda do que de direita, e o pessoal que estava na ABEn sempre foi de direita e de um nível bastante alto, porque a Amália é paulista de quatrocentos anos, rica sempre foi, né? A Maria Rosa paulista de quatrocentos anos, cidadã paulistana. Era (inaudível), era gente assim, de um nível muito alto. Então aí abriu o negócio e o negócio foi, foi, foi, foi, foi...

V.: Misturou muito?

I.T.: Misturou demais. Tanto que a Iêda dizia assim, chamava o grupão e dizia: "A galera". Isso soava muito mal no ouvido da gente: "Como vai a galera?" Então ela começou...

E.: A galera era...

I.T.: A galera eram todas as enfermeiras.

V.: Era um grupo como um todo.

I.T.: Era um grupo comum. E a diretoria era uma elite, ela dizia que era uma elite. E a partir daí, então eu (...) fui deixando de lado.

V.: E um bom grupo deixou também, né?

I.T.: Todo aquele grupo se afastou.

V.: O grupo mais antigo.

I.T.: Todo, todo, todo, todo, todo se afastou.

V.: E o de Belo Horizonte?

I.T.: Aí foi muito, foi muito, como criou o conselho, foi todo mundo pro conselho. Conselho Federal de Enfermagem. Daí Maria Rosa foi presidente. A Amália foi presidente. A Ivete foi presidente. A Clarice foi conselheira. A Circe foi conselheira. Quer dizer, aquele povão, todinho que trabalhava pra cá, a grande, passou todo pro lado de lá, e aí começou aquela coisa, vai pra lá, vem pra cá. Até que lá também se desgastou, agora também está...

V.: ...está uma complicação.

I.T.: ...está uma complicação.

E.: E, e, voltando a, a... Como é que foi a posse em Belo Horizonte?

I.T.: A posse em Belo Horizonte foi tumultuadíssima, porque a gente reza muito e porque a gente tem Deus no coração [Risos]. O negócio foi um pouquinho mais além. Porque ali ia sair morte. Ia mesmo. Porque o pessoal estava tão acirrado, um grupo de Santa Catarina estava tão fervilhante que era... Então foi aquele negócio. A chapa da Participação, a chapa [dos sem participação], nem me lembro mais. Eu procurei apagar um pouquinho as coisas da minha memória, sabe? Porque quando não agradam as coisas...

E.: E a gente acaba apagando.

I.T.: Então, eu tenho por lema o seguinte: quando eu estou fazendo uma coisa, nem que me custe a vida, eu vou com ela até o fim, procuro fazer o melhor que eu posso. Quando eu vejo que foge da minha alçada, eu não me envolvo mais. Estou sempre à disposição quando alguém precisa, mas assim, me dar inteiramente como me dei, ficando quase cinco anos longe do, da minha casa, porque eu morava, eu pertencia a outra província. Eu morava em Brasília e pertencia à Província do Rio de Janeiro. Então eu me desliguei. Eu tinha que ir todo mês ao Rio de Janeiro. Sempre acumulando funções, né? Porque eu trabalhava na ABEn e trabalhava no COREN do Rio de Janeiro. Eu trabalhava na ABEn de Belo Horizonte, trabalhava na ABEn Central, então eu ficava olhando a construção [da sede] em Brasília, Rio de Janeiro, Hospital das Clínicas, dando aula na Escola de Enfermagem, ajudando a criar o Conselho [Federal de Enfermagem], porque o Conselho levou trinta e dois anos pra ser aprovado.

V.: A senhora também trabalhou na aprovação?

I.T.: Trabalhei. Segui esse, esse projeto passo a passo.

E.: E por que será que levou tanto tempo?

I.T.: É porque ninguém nunca quis que as enfermeiras ocupassem um lugar de nível superior. A enfermeira, na cabeça desse povo, era a empregada do médico. E quando as enfermeiras, por causa do nível que eu assinalei pra vocês, aquelas pessoas que fizeram a profissão por entusiasmo e não por qualquer outra coisa, então elas lutaram, lutaram, lutaram. Então era um grupo forte da Bahia, era um grupo forte de São Paulo, era um grupo forte do Rio de Janeiro. Sempre as escolas trabalhando pra que isso subisse.

E.: Voltando um pouquinho na questão desse, do nível, das enfermeiras. De um determinado número, seja um nível mais alto de classe, de classe mais alta. Quer dizer, isso foi por muito tempo? E a senhora deduz isso a quê?

I.T.: Foi, foi até nos sessenta anos da ABEn. Quando a ABEn fez sessenta anos, esses últimos dez anos foi...

E.: Não só de estarem na ABEn, mas de quem fazia enfermagem, teve um período que era gente de nível alto?

I.T.: Foi, foi de nível alto.

E.: Por que a senhora acha que entravam? Eram pessoas de nível alto na sociedade? Qual a dedução disso?

I.T.: Eu acho por que elas trabalhavam por ideal, e de um tempo pra cá, foi em função, porque a ABEn passou a ganhar mais dinheiro. O que custou muito à ABEn ser de nível superior, porque foi só em 75 que tinha que ser três anos para as escolas se organizarem, né? A Lei 705/49 deu três anos pra todas as escolas não recebessem ninguém que não fosse com o secundário completo.

V.: Isso só aconteceu a partir de 62 com a LDB.

I.T.: É isso mesmo.

**OBS.:** Por um problema técnico o restante da entrevista não foi gravada, cerca de cinco minutos.

[FINAL DA ENTREVISTA]

[LADO B NÃO FOI UTILIZADO]



## FICHA TÉCNICA

Data da Entrevista: 06/06/1996

Local: São Paulo

Número de Fitas: 02

Duração das Entrevistas: 85 minutos

Entrevistadoras: Valda da Penha Caldeira

Estelina Souto do Nascimento

Conferência de Fidelidade: Valda da Penha Caldeira

Traços Biográfico e Sumário: Valda da Penha Caldeira

Apoio: CNPq  
FAPEMIG  
PRPq/UFMG